

ASTUCIAS  
SUBTILISSIMAS  
DE  
BERTOLDo,

## VILLÃO DE AGUDO ENGENHO, E SAGACIDADE.

*Que depois de varios incidentes extravagantes, foi admittido a corteção.*

OBRA DE GRANDE RECREIO, E  
DIVERTIMENTO.

Traduzida do idioma Italiano no  
Portuguez.

ÅSTRÖM & C:o

to help to do A period before goes Four  
Pestos. Finally a few more in the Giobbe  
the fables, a deer in the woods the deer  
plots a Turkey, a wolf who no gift could  
see; nothing to do with it, nothing to do with  
it; nothing to do with it, nothing to do with  
it; nothing to do with it, nothing to do with

## LISBOA:

TYP. DE J. THEODORO D'OLIVEIRA,  
*Portas de Santo Antão* n.º 134.

—  
1849.

# BERTOLDO.



## INTRODUCÇÃO.

No tempo que Alboino rei dos Lombardos, tinha a sua corte na Cidade de Verona, e que já era senhor de quasi toda a Italia, appareceo na dita Cidade um villão chamado Bertoldo, homem disforme, e de horrenda presença; mas donde faltava a formosura da pessoa, supria a vivacidade do engenho; pois era murto agudo, e prompto nas respostas; e alem da sua grande agudeza, era tambem astuto, malicioso, e desestrado de natureza, como são a maior parte dos vilões, e a sua estatura era tal, como adiante se descreve.

# FORMOSURAS

DE

## BERTOLDO.

Era este pequeno de corpo ; tinha a cabeça grande e redonda como uma bola ; a testa comprida e enverrugada ; os olhos vermelhos, como o fogo ; as sobrancelhas compridas, e asperas, como cabellos de porco ; as orelhas asnaticas ; a bocca grande, e algum tanto torta, com o beiço de baixo cahido, como de cavallo ; a barba densa debaixo do queixo, e tambem cahida, como a do cabrão ; o nariz arribitado, e arreganhado para cima, com as ventas mui largas ; os dentes deitados para fóra, como os do porco montez, com tres, ou quatro caroços debaixo da garganta, os quaes no tempo, que elle fallava, pareciam outras tantas panellas que ferviam ; tinha as pernas similhantes ás de cabra, que parecia um Satyro ; os pés compridos e largos ; o corpo todo cabelludo ; as suas meias eram de grossa lã, todas arremendadas ; os seus çapatos altos e com tacões mui grossos ; e finalmente era este homem em tudo diferente de Narciso.

A \*

## ASTUCIAS DE BERTOLDO.

*Sua ousadia quando entrou no pa-*  
*lacio d'El-rei Alboino.*

Passou Bertoldo por meio de todos aquelles Grandes do reino, e Barões, que faziam corte a El-rei, sem tirar o chapéo, nem fazer acto algum de reverencia, e foi logo assentar-se junto a El-rei, o qual como era de natural benigno, gostava de galantear, logo suppoz que aquele fosse de algum extravagante humor, visto que a natureza muitissimas vezes costuma infundir em similhantes corpos monstruosos certos particulares, que não reparte com todos assim largamente ; pelo que sem alguma alteração, antes m agradavelmente, começou El-rei interrogal-o desta maneira :

### *Conversação entre El-rei e Bertoldo.*

Rei. Quem és tu, quando nascestes, e de que terra és ?

Bert. Eu sou um homem ; nascei quando minha mãe me pario ; a minha terra é este mundo.

R. Quem são os teus ascendentes, ou descendentes ?

B. Os feijões, que fervendo ao lume, sobem e descem, acima e abaixo pela panella.

R. Tens tu pai, mãe, irmãos, ou irmãs?

B. Tenho pai, mãe, irmãos e irmãs, mas todos estão mortos.

R. Como os tens tu, se já morreram?

B. Quando eu sahi de casa, dei-  
xei-os todos dormindo, e por isso te  
digo que todos estão mortos, porque  
de um que dorme, a um defunto,  
pouca diferença faz, tanto assim, que  
o sonno se chama mão da morte.

R. Qual é a cousa mais ligeira  
que ha?

B. O pensamento.

R. Qual é o melhor vinho que ha?

B. O que se bebe em casa albeia.

R. Qual é aquelle mar, que nunca se enche?

B. A cubica do homem avarento.

R. Qual é a cousa mais feia que se acha em um moço,

B. A desobedencia.

R. Qual é a cousa mais feia que está em um velho?

B. A lascivie.

R. Qual é a cousa mais feia que está em um mercador!

B. A mentira.

R. Qual é aquella gata que por diante te lambe, e por detrás te arranha?

B. A mulher mundana.

R. Qual é o maior fogo que há em casa?

B. A mulher impertinente, e a ruim lingua do criado.

R. Quaes são as enfermidades incuráveis?

B. A loucura, o cancro, e as dividas.

R. Qual é o filho que queima a lingua a sua mãe?

B. A torcida da candeia.

B. Como fizeras para trazer-me agoa em um crivo e não a entornar?

B. Esperaria o tempo da neve, e depois t'a traria.

R. Quaes são aquellas cousas que o homem busca, e não quizera achal-as?

B. Os piolhos na camiza, os calcanhares rotos, e o necessario çujo.

R. Como fizeras para apanhar uma lebre sem correr?

B. Esperaria que estivesse cozida, e depois a apanharia.

R. Tu tens bons miólos, se ellei se podessem ver.

B. E tu terias uma bella felicão  
se não comesses.

R. Ora pois, pede-me o que quizeres, que eu estou aqui prompto para dar-te tudo o que me pedires.

B. Quem não tem para si, mal pôde dar a outrem.

R. Porque? não posso endar-te o que desejas?

B. Eu procuro felicidade, e tu não a tens, logo não m'a podes dar.

R. Que? não sou eu feliz, estando assentado neste alto Throno, como me vês?

B. Quem mais alto se assenta, mais arriscado está para cahir, e precipitar se.

R. Olha quantos senhores, e Barões me estão rodeando, para obedecer-me, e honrar-me.

B. Também os formigões estão no redor da sorva, e lhe roem a pelle.

R. Eu resplandeço nesta corte, assim como resplandece o sol entre as muidas estrellas.

B. Dizes bem; mas eu vejo muitas offuscadas da adulação.

R. Ora bem, queres tu ser homem de corte?

B. Não deve procurar grilhões, quem se acha em liberdade.

R. Pois que motivo te obrigou a vir cá?

B. O cuidar que um rei fosse dez, ou doze pés mais alto que os outros homens, e que entre elles tivesse a mesma eminencia, que tem as torres dos sinos sobre as casas; mas eu vejo que tu és um homem ordinario, como os outros, com tudo que sejas rei.

R. É verdade, que sou ordinario de estatura; mas de poder, e riqueza sou mais agigantado entre os outros homens, não só dez pés, mas cem e mil braças; porem quem te manda intrometter nestas razões?

B. O burro do teu feitor.

R. Que tem que fazer o burro do meu feitor com a grandeza da minha corte?

B. Primeiro que tu fosses rei, e que a tua corte fosse corte, já o burro tinha falado quatro mil annos antes.

R. Ah, ah, ah, oh esta sim, que é para rir!

B. O riso sempre é abundante na boeca dos doidos.

R. Tu és um vilão mui malicioso.

B. A minha natureza assim o fez.

R. Ora vamos: eu te ordeno, que

já já te tires da minha presença, se não mandar-te hei deitar fóra de outra sorte mais ruim, e vergonhosa.

B. Eu me irei, sim ; mas adverte que as moscas tem por instinto, ainda que as deitem fóra, tornar logo ; assim, se me fizeres mandar embora, também eu tornarei novamente a molestar-te.

R. Ora vai, e senão tornas a vir á minha presença, como fazem as moscas, te mandarei cortar a cabeça.

*Astucias de Bertoldo.*

Foi-se Bertoldo : e indo para casa, tomou um burro velho que tinha, todo esfolado nas ancas, e nas ilhargas, e quasi comido das moscas, e montando em cima delle, tornou novamente a palacio, levando consigo uma imensidade de moscas e de vespas, que todas juntas faziam uma grande nuvem, de sorte que apenas se via ; e chegando diante d'El-rei, lhe disse ;

B. Eis aqui torno á tua presença.

R. Não te disse eu, que se tu me tornasses a aparecer de outra sorte, senão como fazem as moscas, te faria separar a cabeça do corpo ?

B. Por ventura não andão as moscas sobre os burros podres ?

R. Andam, e por isso . . .

B. E por isso eis-aqui, que eu venho em cima d'um burro todo esfolado, e carregado de moscas, como tu estás vendo, de forma que já o tem comido quasi todo e a mim tambem : logo pois não tenho feito o que prometi?

R. Tu és um grande homem. Ora vai que eu te perdôo ; e vós, ó lá, levai-o a comer.

B. Não deve comer, quem ainda não acabou a obra.

R. Porque, tens tu ainda mais que dizer-me ?

B. Ainda eu não comecei.

R. Muito bem. Ora deita fóra esse animal pestilento ; e tu retira-te alguma cousa para essa parte, porque vejo vir duas mulheres, que devem querer lhe dê audiencia ; e logo que as tiver despedido, tornaremos a conversar.

B. Emfim eu me vou ; mas procura dar sentença justa.

*Demandá entre duas mulheres.*

Vieram pois as duas mulheres diante d'El-rei, uma das quaes tinha furtado um espelho á outra ; aquella de quem era o espelho, se chamava Aurelia ; e a outra que o tinha fur-

tado, se chamava Lisa, a qual tinha o espelho na mão ; e Aurelia, queixando-se a El-rei, disse :

Aurelia. Sabei, senhor, que esta mulher hontem á noite entrou na minha camara, e me roubou aquelle espelho que tem na mão ; eu lh'o pedi repetidas vezes ; ella o nega, e não o quer restituir e por isso peço justiça.

Lisa. Isto não é verdade ; antes ha alguns dias que eu o comprei do meu dinheiro ; não sei como esta mulher tenha tanto atrevimento de pedir o que não é seu.

Aur. Ah ! justissimo rei, não deis credito ao que esta mentirosa vos diz ; porque ella é uma ladra publica, não tem consciencia, e saba v. magestade, que eu não me exporia a pedir o que não é meu, por quantas riquezas ha no mundo.

Lis. Oh que consciencia de Misser Chapelote ! Ella sabe muito bem fazer crer, que lhe assiste toda a razão ; e quem se fiasse em vós, ó irmã, não saberia achar outra melhor ? Mas nós estamos diante d'um juiz, que conhecerá a minha innocenta, e a vossa falsidade.

Aur. Oh terra ! porque te não abres

para engolir esta maliciosa invencio-neira, que tão descaradamente nega o que é meu; e de mais se empenha em querer dar a entender que tem razão, e que eu minto! Oh céu, mostra tu a verdade deste facto!

*Sentença justa d'El-rei.*

Ora basta: aquietai-vos, que eu vos consolarei; tomai esse espelho, despedaçai-o miudamente, e déem-se tantos pedaços a uma como a outra, e assim ambos ficarão contentes.

Lis. Eu me satisfaço; porque dessa sorte se acabará a contenda entre nós, e não teremos mais bulha uma com a outra.

Aur. Não, não; dê-se embora todo inteiro a ella, mais depressa do que quebral-o; porque eu não poderia supportar ver quebrado um espelho tão bonito; e talvez algum dia os remorsos da consciencia a obrigarão a restituir-m'o; e assim melhor é que ella o leve inteiro para a sua casa, e fique aqui acabada a contenda.

Lis. A sentença d'El-rei é a que me agrada quebre-se o espelho em pedaços, porque assim cessarão as bulhas entre nós comque vamos ao facto

*Prudencia d'El-rei.*

Ora eu conheço verdadeiramente,

que o espelho é desta que não quer  
que seja despeçado ; pois no pranto,  
nas lagrimas, e nas supplicas que faz,  
mostra claramente que é sua dona,  
e que est'outra lh'o tirou ; seja pois a  
ella dado o espelho, e a outra mande-  
se daqui para fóra indecorosamente.

*Bertoldo rindo-se desta sentença diz  
a El-rei.*

B. Isto não é ter bom conhecimento.

R. E porque não é ter bom conhecimento ?

B. Tu por ventura dás credito ás lagrimas das mulheres ?

R. E porque lhas não hei de crer ?

B. Não sabes tu, que o seu pranto é um engano, e que cada cousa que ellas fazem, ou dizem é com artificio ? De sorte que quando choram com os olhos, riem com o coração ; suspiram na presença d'um, e logo na ausencia fazem delle zombaria, fallam o contrario daquillo que cuidam ; e por isso as lagrimas que deitam, as afflicções que affectam, as mudanças do rosto, tudo são enganos, que tem no pensamento, para satisfazerem os seus ambiciosos, e insaciaveis desejos.

*Louvor que El-rei dá ás mulheres.*

R. Tanto tem as mulheres de bon-

dade, de entendimento, e de prudencia, quanto todas são sem razão todas estas coisas que tu lhes atribues: e se por acaso uma perca por fragilidade, deve-se-lhe dar desculpa; porque ellas são mais fracas, e mais fáceis em cahir neste defeito, do que os homens. Porem dize-me: não pode dizer-se, que está morto aquelle que vive separado de tal sexo? Em primeiro logar a mulher ama a seu marido, cuida nos filhos, ella os cria, os nutre acostuma-os bem, e lhes dá toda a boa educação; a mulher governa a casa, tem cuidado na roupa e nos trastes, é guarda da familia, vigia que as criadas façam a sua obrigação, e toma á sua conta o livrar à casa de desordens; a mulher é agradável no praticar, nobre no conversar, no contractar, e discreta no ordenar; prompta na obediencia, honesta nas suas palavras, modesta no procedimento, moderada no comer, parca no beber, mansa com os de casa, e tractavel com os de fóra. E se alguma cahe em algum frenesi, ou humor extravagante, ha pelo contrario mil que são honestissimas, e de bem; pelo que para mim tenho, que foi justa a sentença que dei.

B. Sem duvida bem se vê, que tu amas muito as mulheres, e que por isso fizeste em seu louvor este grande elogio. Ora que dirás se eu te fizer desdizer tudo quanto

o favor dellas tens dito, inda ámanhã antes que te vás deitar!

R. Se tu tal fizeres, confessarei que és o primeiro homem do mundo; mas se o não observares, tem por certo, que te mando enforcar.

B. Está bem, adeus até ámanhã. Desta forma, sendo ja tarde, El-rei se retirou á sua camara, e Bertoldo, depois de cear, foi tambem deitar-se aquella noite na estrebaria, fantaseando entre si por qual modo faria, que El-rei exagerasse o contrario do que tinha dito a favor das mulheres; e dando em uma boa astucia, dormio com todo o socego, esperando o dia para pôr em execução o seu designio.

### *Astucia de Bertoldo.*

Chegada a manhã, levantou-se Bertoldo da palha, e foi procurar aquela mulher, a favor da qual tinha El-rei dado a sentença, e lhe disse:

B. Tu não sabes o que El-rei tem determinado!

Aur. Eu nada sei, se tu o não dizes.

B. Pois sabe, que elle ordenou que o espelho fosse depedaçado, como primeiro tinha dito, e que se desse a metade dos pedaços á outra, porque

esta appellou da sentença ; e como El-rei não quer ouvir maiores queixas sobre este negocio manda que se conclua, satisfazendo a uma, e outra,

Aur. Como pode ser, que El-rei tenha tomado tal resolução; se elle já sentenciou, que o espelho me fosse restituído são e inteiro ? Ah ! tu zombas de mim ; vai-te daqui embora.

B. Eu não zombo certamente. Elle assim o disse, e eu o ouvi da sua propria boca.

Aur. Ai de mim ! que ouço ? fará talvez isto para dar satisfação á quella maliciosa mulher ? oh que justa sentença ! oh que nobre accção de um monarcha ! oh pobre justiça como te administram bem, se no dia de hoje mais se crê a mentira, que a verdade ! oh coitada de mim ! será em fim necessário, que te veja em pedaços meu rico espelho ? uh, uh, uh. Chora.

B. Provera a Deos que peior não fora.

Aur. E que pode haver peior para mim, mais que isto ?

B. Elle ordena por sua lei, que cada homem haja de casar-se com sete mulheres ; ora vê tu que destruição será para as casas com tantas mulheres.

Aur. Como ! elle quer que cada homem tome sete mulheres ? oh ! isto é muito peior, de que se mandasse despedaçar quantos espelhos ha na cidade. Que dôudice é esta que se lhe metteo na cabeça ?

B. Eu não sei dizer-te mais do que isto, que da sua propria boca ouvi ; agora toca a vós o defender-vos, antes que o mal corra mais adiante.

E tendo-lhe assim deitado esta pulga no ouvido, deixou-a só, e foi-se outra vez para o paço, esperando ouvir alguma grande novidade, antes que anoitecesse.

*Tumulto das mulheres da cidade  
causado por Bertoldo.*

Tendo-se ido Bertoldo, Aurelia, que cuidou fosse verdade o que elle tinha dito, loi logo buscar as suas vizinhas, e lhes communicou tudo ; ouvindo ellas taes cousas, ficaram tão fóra de si de raiva e de furia, que começaram logo a bramir por toda a parte, e em menos d'uma hora se espalhou a novidade por toda a cidade, de sorte que se ajuntaram mais de mil mulheres, e depois de terem consultado um bom pedaço sobre a materia, resolveram ir procurar El-

rei, e diante delle gritar tanto, e fazer tanto motim, que finalmente obrigado da importunidade dellas, tomasse o expediente de mandar revogar a lei novamente imposta; e assim todas enfurecidas, e cheias de colera foram ao paço, aonde todas juntas se puzeram a fazer os maiores ruidos e gritos do mundo, de tal modo, que El-rei se vio quasi doido, porque não sabia a causa de tão grande tumulto; e todo attonito, e cheio de admiração, não podendo já supportar tão grande insolencia, arrebatado de ira, e de desdem, poz de parte a paciencia.

*El-rei se enfurece contra as mulheres,  
e Bertoldo o estima.*

E voltando áquellas mulheres, lhes disse com cara enfadada: Que novidade é esta que estou vendo? De onde procede esta sublevação? Quem vos causa tanta colera? De onde nasce tanta bulha? Porque fazeis tanto ruido? Por ventura estais endemoninhadas? Que é o que tendes? Dizei-o em má hora mulheres do diabo.

Mulh. Que vaidade é a tua ó rei? Que loucura se te metteo na cabeça? (respondeu uma das mais assuntas e

raivosas) Que frenesi te obriga, ou como te pertence ordenar, que cada homem se case com sete mulheres ? Oh que nobre consideração d'um Monarca discreto ! Porém sabe, e sem por certo, que nisto não serás obedecido.

R. Que é o que dizeis loucas ? falai mais baixo, de sorte que vos entenda, e então vos responderei.

Mulh. Que falemos baixo ? Antes seria necessário tirar-te desse throno real, onde estás assentado, e tirar-te fóra ambos os olhos.

R. Que injuriias, e que desprazer vos tenho feito ? Dizei claramente, cadellas raivosas, o que pretendéis, e não vos sufsoqueis tanto.

Mulh. Não o dissemos já uma vez ?

R. Eu não vos entendi : tornai a dizer.

Mulh. Não ha peior surdo, do que aquelle que não quer ouvir. Nós tornamos a dizer, que tu fizestes um grande erro em ordenar por lei, que cada homem haja de conjugar se com sete mulheres, e que tu deverias cuidar nos negocios do teu reino, e não intrometter-te naquelles que não te pertencem : entendestes agora ?

melhor seria, que fizesses com que cada mulher podesse desposar sete maridos; pois isto seria mais conveniente. Mas bem se vê, que não tens nenhum juizo, e que és um doudinho. *El-rei manda embora as mulheres, e exaspera contra o sexo feminino.*

Ah sexo ingrato e descørtez! quando ordenei eu tal lei? Ide-vos já da minha presença em má hora, desavergonhadas, importunas; pois agora conheço claramente, que o nome de mulher não significa mais que mal e danno; e o de femea, féra que semeia discordias, e inquietações, que da casa donde ella se vai, leva a traz de si quanto pôde com a cauda; e onde entra deita chamas, e fogo; ella é uma fonte de enganos, e de traições; um labyrintho infernal no qual continuamente se ouvem os prantos, e as queixas lamentaveis dos maridos; as ruinas dos pais, tormentos, açoutes dos irmãos, vergonha dos parentes, perdição das casas; finalmente são pena, e afflição de todo o genero humano. Ide-vos por uma vez com mil diabos, e não me torneis a aparecer mais diante de mim, espiritos infernaes,

gente endiabrada. Vede lá que mó-  
tins, que disparates tem feito estas-  
doudas soltas, sem motivo de nada ;  
porem se eu chegar a saber quem foi  
author desta novidade, não tenha me-  
do, eu lhe darei bem o pago, como  
elle merece. Graças ao ceu, que uma  
vez acabaram de ir-se estas insolentes  
que pouco faltou para me tirarem os  
olhos com os dedos.

Depois que as mulheres se foram, e  
que El-rei estava algum tanto mais  
pacificado, Bertoldo, que tinha es-  
tado de parte escutando tudo, como  
o seu disignio teve o effeito que de-  
sejava, sahio á presença d'El-rei,  
rindo-se, e lhe disse :

B. Que dizes agora, rei ? Não  
disse eu, que antes de hoje te ires  
deitar, lerias o livro ás vessas da-  
quillo que hontem elogiastes a fa-  
vor das mulheres ? Ora vê se ellas  
te desenganaram.

R. Oh que humores diabolicos ! ir  
procurar invenção, para dizer, que  
eu tinha ordenado, que cada homem  
houvesse de casar com sete mulheres,  
cousa que nunca imaginei, nem me-  
nos me passou pelo sentido. O' que  
mulheres malditas ! O' que casta má !

B. Tu lembras-te das promessas,  
que ha entre nós?

R. Tens razão; vem, e assenta-  
te comigo neste throno real pois que  
o mereceste.

B. Não podem caber quatro pa-  
degas em o mesmo assento.

R. Eu mandarei fazer outro junto  
a este, para tu te sentares, e darás  
comigo audiencia.

B. Amor, e soberania não querem  
companhia; e assim governa tu só,  
que és senhor.

R. Eu suspeito que tu tenhas sido  
o author desta butha.

B. Dizes a verdade; mas não me  
podes castigar; porque eu procurei;  
e como pude, observar quanto tinha  
promettido.

R. Ora bem: já que esta inven-  
ção foi tua, eu te perdôo, porém,  
dize-me, como tecestes esta malicia.

B. Eu fui a casa daquella mulher  
a quem tu concedestes o espelho, e  
lhe metti na cabeça, que querias ou-  
tra vez que se despedaçasse, e que se  
désse a metade á sua adversaria, e  
de mais, que tinhas ordenado hou-  
vesse de ter cada homem sete mulhe-  
res, de sorte que transportada de co-

Iera por estas novidades, ajuntou aquelle grande numero de mulheres, qne viste, e fizeram o motim que ouviste.

*El-rei se arrepende de ter dito mal das mulheres, e torna a gabal-as.*

Tu és um grande inventor, mas de malicia: hoje ias quasi causando uma desordem. E como não haviam de ter uma e mais de mil razões aquellas mulheres, para se porem contra mim! eu não podia crer, que o seu sexo tivesse perdido tanto de repente o juizo, de sorte que fizessem tão grandes alaridos, sem terem mui justificados motivos para isso: e que maior o podiam ter do que este, que tu lhe deste de se irritarem contra mim? E certo que não, e a mim igualmente déste causa de dizer contra elles o que não quizera ter dito, nem por todas as riquezas do mundo; pois já me arrependo e me peza muito disso, e torno novamente a dizer, que o homem sem a mulher é como uma vinha sem cepa, um jardim sem fonte, rio sem barca, prado sem flores, bosque sem folhas, espinha sem trigo, arvore sem fructo, cidade sem praça, castello sem guarni-

ção, palacio sem jancellas, torre sem escada, rosa sem cheiro, anel sem pedra, pinheiro sem sombra, mar sem peixes flores sem plantas ; e finalmente, todo aquelle, que se acha sem esta agradavel companhia, pode dizer-se, que é um espelho sem luz, e um diamante que não brilha.

B. E tambem um burro sem cabeça.

R. Tu sim, que és essa insolente besta.

B. Conheces-me logo á primeira : ora como eu vejo que protejes tanto as mulheres, não quero que fallemos mais nisso, e o passado passado.

R. Quem quer ser meu amigo, não diga mal das mulheres, porque elles não fazem mala a ninguem, não trazem armas, não armam bulhas, mas são todas mansas, socegadas, benignas, quietas, amaveis, adornadas de todas as virtudes e por isso não queiras incitar outra vez o meu desdem contra elas ; porque, se o fizerdes, te mandarei dar o castigo que mereces.

B. Eu prometto de não tocar mais nas cordas desta viola ; cuidaremos em outras cousas, e seremos amigos.

R. Sim, porque diz o dictado : Não

contendas com homem potente, e está arredado da agua corrente.

B. Tambem da agua que não corre: porque homem mudo engana tudo.

*A rainha manda pedir a El-rei que quer ver Bertoldo.*

Em quanto estava assim fallando familiarmente El-rei com Bertoldo, chegou um criado da rainha, o qual disse a El-rei, que ella desejava ver Bertoldo, e pedia a sua magestade lh' o mandasse, e como tinha ouvido dizer, que elle tomava por divertimento zombar das mulheres, tinha feito tenção de lhe mandar moer bem o corpo com um bastão.

Ouvindo El-rei o peditorio da rainha, se voltou a Bertoldo, e lhe disse: a rainha manda-me pedir por este pagem que te faça ir á sua presença, porque tem gosto de te ver.

B. Os recados sempre se levam, tanto por bem, como por mal.

R. A consciencia sempre remorde os vilões ruins.

B. O riso da corte não se dá bem com o do campo.

R. O inocente passa livre por entre as bombardas.

B. A mulher irritada, a labareda atada e a frigideira furada, dão grande dano a uma casa.

R. Muitas vezes acontece a quem é culpado, aquillo que elle teme.

B. O camarão salta muitas vezes para fóra da frigideira para fugir, e depois acha-se nas brasas.

R. Quem semeia maldades recolhe males.

B. Debaixo da coifa está muitas vezes a tinha encoberta.

R. Quem embaraga as linhas, que as desembarace.

B. Mal se podem desembaraçar, quando as pontas estão atadas.

R. Quem semeia espinhos, não ande sem capatos.

B. Outra cousa é ir um metter-se onde a vontade repugna.

R. Vai não tenhas medo, que ninguem te faça mal.

B. Ao bom confortador não dóe a cabeça.

R. Temes por ventura que a rainha te faça algum desprazer?

B. Mulher raivosa, tempestade furiosa,

R. A rainha é toda boa, e não deseja mais que ver-te, e assim fia-te em mim.

*Bertoldo é conduzido diante da rainha.*

Desta sorte levaram Bertoldo diante da rainha, a qual tendo sabido, como se dissesse, que elle era o que tinha feito aquella peça ás mulheres no dia antecedente tinha feito preparar alguns bastões ás suas camaristas, que quando o colhessem na quella camara, o fechassem dentro, lhe sacudissem bem o pó da casaca. Lo-

go que ella o viu, olhando para aquela monstruosa presença, toda enfadada, lhe disse: olhai, que foelho de porco.

B. O gato começa-me a miar ao redor da tigella.

Rain. Como te nomeas tu?

B. Eu não nomeio ninguem.

R. Como te chamas?

B. Quem me chama eu lhe respondo.

R. Como é o teu appellido?

B. Eu não me lembro, que tenha sido nunca pellado.

Em quanto a rainha interrogava a Bertoldo, uma das suas servas trouxe escondidamente um vaso cheio d'agua, para lhe deitar pelas costas, mas o villão astuto, tendo o presente sentido, estava com o olho bem atento, e logo lhe ocorreu ao pensamento uma nova astúcia, continuando a falar com a rainha.

*Astúcia de Bertoldo para que o não molhassem por detrás.*

Rain. Como sabes tu tantas astúcias, que pareces um feiticeiro?

B. Todas as vezes que me agôam o trazciero, sei advinhar todas as coisas; e sei se uma mulher anda de amores com alguem, se teve contratos

com algum homem, se é honesta, ou impudica, e finalmente advinho tudo; com que, se houvesse quem me quizesse molhar por detraz, eu saberia dizer agora tudo.  
*Bertoldo livra-se da peça da agua.*

Neste tempo aquella criada, que tinha trazido o vaso com agua para o molhar, ouvindo taes palavras, o levou outra vez de vagar, temendo que se lhe não descobrisse alguma mácula; e nenhuma das outras se atreveu a fazer-lhe alguma peça, porque todas tinham, como se costuma dizer, algum trapo ensacado; mas a rainha, que se abrazava em raiva contra elle, mandou que cada uma das criadas tomasse seu bordão, e lhe déssem quantas pancadas podessem; e com esta faculdade se foram todas a elle com maior impeto do que aquelle com que as furiosas Bacantes accommettêram o miseravel Orpheo; mas vendo-se o pobre Bertoldo em tão grande perigo, lhe ocorreu outra astucia, e voltando para ellás lhes disse:  
*Nova astucia de Bertoldo, para se livrar das pancadas.*

B. Aquella que tem premeditado deitar veneno nos comeres d'El-rei, seja a primeira a pegar no pão para me dar com elle, que eu me satisfaço.

Então todas se pozeraim a olhar umas para as outras, dizendo: eu nunca tive similhante tentação; nem eu, respondia

a outra ; e assim uma depois da outra disseram todas o mesmo, até a rainha ; de tal sorte que tornaram a pôr os páus no seu lugar, e o bom Bertoldo ficou por então livre daquelas terríveis pancadas.

*A rainha quer que Bertoldo seja bastonado em todos os modos.*

A rainha, em quem cada vez mais se augmentava a íra contra Bertoldo, querendo que por todos os modos levasse boa carga de páu, mandou dizer aos seus archeiros, quando elle sahisse, o moessem como devia ser, sem alguma remissão, e logo o mandou embora acompanhado de quatro dos seus criados, para que estes lhe trouxessem depois a nova do que tivesse sucedido.

*Subtil astucia de Bertoldo, para não levar pancadas dos archeiros.*

Quando Bertoldo viu que por nenhum modo podia fugir, recorreu ao seu costumado entendimento, e voltando-se para a rainha, lhe disse : já que vejo claramente que me não queres perdoar as pancadas, peço-te em cortesia, que me faças uma graça : a minha petição é justa, e tu podes fazê-la, pois com tanto que eu leve as

pancadas, o mais não te importa: di-  
ze a estes teus servos que me vem a-  
companhar, que digam aos archeiros  
que tenham respeito á cabeça, e que  
no mais dêem quanto quizerem.

A rainha, não entendendo a me-  
táfora, ordenou aos criados, que dis-  
sessem aos archeiros, que tivessem  
respeito á cabeça, e que no resto des-  
sem quanto podessem; e assim foram  
os criados para onde estavam os guar-  
das, levando Bertoldo adiante, e co-  
mo elles já estavam preparados com  
os bastões nas mãos para lhe fazerem  
a aquella obra pia, Bertoldo se pôz a  
caminhar adiante dos outros com pas-  
so largo; de sorte que se separou del-  
les um bom pedaço, e quando aquel-  
les que o acompanhavam, viram os  
guardas promptos para o trabalho,  
e que elle ia chegando aonde elles  
estavam, se puseram assim de longe  
a gritar, que tivessem respeito á ca-  
beça, e que no resto fizesssem a sua  
obrigação como devia ser, por as-  
sim o ter ordenado a rainha.

*Os criados levam as pancadas em  
lugar de Bertoldo.*

*Os guardas vendo Bertoldo diante  
dos olhos, cuidando que elle fosse ca-*

beça daquelle rancho o deixaram passar sem lhe fazerem alguma affronta ; e logo que foram chegados os criados, se puzeram a malhar nelles com aquelles páus, de maneira que lhes quebraram os braços e as cabeças ; e apenas se acharia membro, em que as pancadas dos páus não tivessem deixado signal do seu effeito. Quando os miseraveis se viram em tão deploravel estado foram como puderam assim derreados e massados diante da rainha, a qual ouvindo que Bertoldo tinha escapado com aquella astucia, e que os seus criados foram mal-tratados daquella sorte em loga delle se lhe aumentou incrivel raiva e desdem contra Bertoldo, e jurou que se havia de vingar ; mas por entao occultou a ira, esperando outra occasião para a desabafar, e no entanto mandou curar os servos que tinham sido, como se costuma dizer, bem convidados por festa. *Bertoldo torna á presença d' El-rei, e faz uma bella peça a um cortezão.*

Chegando o outro dia, logo se foi enchendo a sala do paço de cavalheiros e barões, segundo o costume ; Bertoldo não faltou em apparecer também, o qual foi chamado por El-rei, e logo que o viu lhe disse :

R. Ora pois, como passou o nego-  
cio com a rainha ?

B. Da borda ao çapato pouca van-  
tagem houve.

R. O mar estava muito bravo ?

B. Quem sabe bem navegar, pas-  
sa com toda a segurança qualquer  
golfo perigoso.

R. O ceo ameaçava grande tem-  
pestade ?

B. A tempestade descarregou nas  
costas d'outrem.

R. Que ! cuidas que já está sereno ?

B. Eu deixei o ceo muito nublado.

*Insolencia d'um cortezão.*

Neste tempo, um cortezão que es-  
tava ao pé d'El-rei, e tambem ser-  
via de bobo, o qual se chamava Fa-  
dete, por ser pequeno e gordo, com a  
cabeça calva, disse a El-rei : Faze-  
me, senhor, a graça de permitir-me  
que eu converse um pouco com este  
villão, e veremos se o faço desconfiar.  
Respondeo-lhe El-rei : faze o quate  
parecer ; mas olha não te succeda,  
como succedeo a Callado, o qual foi  
para rapar, e veio rapado. Não, não,  
replicou Fadete, eu não tenho medo  
delle ; e voltando-se para Bertoldo,  
com um modo extravagante lhe disse:

Fardete. Que dizes tu, codorniz,  
que cahiste do ninho ?

B. Com quem fallas tu, pinto de-  
pennado ?

F. Quantas legoas são da lua aos  
banhos de Lucca ?

B. Quantas fazes tu do caldeirão  
da sopa á estrebaria ?

F. Porque motivo a gallinha pre-  
ta põe o ovo branco ?

B. Porque causa o açoute d'El-rei  
te faz negras as faces do rado ?

F. De quaes ha maior numero, de  
turcos, ou de judeos ?

B. Quaes são mais, os que tu tens  
na camisa, ou os da barba ?

F. O villão e o burro nasceram  
ambos de um parto.

B. O lambaz e o porco comem  
ambos na mesma tigella.

F. Que tempo ha que não tens  
comido nabos ?

B. Que tempo ha que te não de-  
ram cobertor ?

F. Es tu um novilho ou uma ovelha ?

B. Não mettas na dança os teus  
parentes.

F. Quando acabarás de deixar as  
tuas astacias ?

B. Quando tu deixaras de lamber  
os pratos da cozinha.

F. Ao vilão não se meta páu na mão

B. Ao porco e á rã não se tire o lodo,

F. O corvo nunca trouxe boa nova.

B. O francelho e o milhafre sempre  
vão a traz dos burros podres.

F. Eu sou um homem de bem, e  
bem nascido.

B. Quem se gaba, cuja-se e nunca  
se lava.

F. O villão é máo animal.

B. E o adulador é feio monstro.

F. Nunca se vio villão sem malicia.

B. Nunca se vio gallo sem chris-  
tem, nem cortezão sem adulação.

F. Os teus çapatos arreganham os  
dentes.

B. E' que se estão rindo de ti,  
porque és uma besta.

F. As tuas meias estão todas re-  
mendadas.

B. Melhor é ter remendos nas  
meias do que na cara, como tu tens.

Tinha Fardete muitos signaes na  
cara de taponas que lhe deram por seu  
merecimento, e por isso, quando sen-  
tio tocarem-lhe no vivo, não sabendo  
que responder, se fez encarnado com  
o fogo da vergonha, em tal modo,  
que toda a corte se pôz a rir deste suc-  
cesso, e elle se foi callando, e de boa

vontade se tivera ído, se aquelles cavalheiros lh' o não impedissem ; mas Bertoldo, que por ter fallado muito, tinha a bocca cheia de cuspo, e não sabendo onde havia de cuspir, porque estava a salla toda cheia de tapecarias de seda e oiro, disse a El-rei : donde queres que eu cuspa ? Respondeo El-rei : cospe na praça. Então Bertoldo chegando-se para Fardete, que, como já disse, era calvo, lhe cuspio no meio da cabeça. Fardete ficou entaivecido feramente e se queixou a El-rei da injuria, que lhe tinha feito na sua presença ; mas Bertoldo logo repentinamente disse : El-rei me deo licença que cuspissem na praça ; qual melhor podia achai que a tua cabeça ? não diz o dictador : cabeça calva praça de piolhos ? eis-aqui pois que não commetti nenhum erro, porque cuspi na praça, como El-rei me mandou. Toda a corte deo razão a Bertoldo ; e Fardete cossando a cabeça, foi necessario que tivesse paciencia ; e bem quizeria não ter se introduzido com Bertoldo, para não ver todos rirem-se delle, como lhe sucedeu, i poys como se jactava e presumia ter elevado engenho, e dava cantigas

a quem lhas pedia todos tiveram grande gosto de o ver, que não ousava levantar os olhos por vergonha, e que de exasperação quasi se queria enforçar; como era noite, El-rei se despediu dos senhores e barões, e disse a Bertoldo, que tornasse á sua presença no dia seguinte, mas que não fosse nú nem vestido.

*Astucia graciosa de Bertoldo em ir á presença d'El-rei, do modo que lhe tinha dito.*

Chegando a manhã, Bertoldo apareceu diante d'El-rei, embrulhado em uma rede de pescar; e vendo-o El-rei daquelle modo, lhe disse:

R. Porque tens aqui desta forma?

B. Não disseses tu que tornasse a vir esta manhã á tua presença, e que não havia de estar nem nú, nem vestido?

R. Sim, disse.

B. Pois eis-aqui me vês embuçado nesta rede com a qual cubro parte dos membros, e parte ficam descobertos.

R. Onde estiveste até agora?

B. Onde eu estive já não estou, e onde estou agora ninguem pode estar senão eu.

R. Que faz teu pai, tua māi, teu irmão, e tua irmā?

B. Meu pai, d'uma mulher fez duas; minha mãe faz á sua vizinha o que nunca mais lhe fará; meu irmão quantos acha todos mata; minha irmã chora daquillo que todo o anno andou rindo  
R. Explica-me esta mistura de grelos

B. Meu pai no campo, desejando fechar um caminho, lhe está pondo espinhos, de sorte que quem costumava passar por elle agora é necessário que passem uns de cá, e outros de lá, do lugar onde estão os espinhos; e assim d'um só caminho, que havia faz dois; minha mãe está fechando os olhos a uma sua vizinha que morreu, o que nunca mais lhe fará; meu irmão está ao sol catando os piolhos da camisa, e mata quantos acha; minha irmã todo este anno tem andado entretida com os seus amores, e agora chora na cama as dores do parto.

R. Qual é o dia mais comprido que ha?

B. Aquelle em que se está sem comer.

R. Qual é a maior loucura do homem?

B. O reputar-se por sabio.

R. Porque motivo os cabellos da cabeça se fazem brancos primeiro que os da barba?

B. Porque os cabellos da cabeça  
nasceram primeiro que os da barba.

R. Qual é aquella filho, que aran-  
ca a barba a sua mãe?

B. O fuso.

R. Qual é aquelle erva que até  
os cegos a conhecem?

B. A ortiga.

R. Qual é aquella femea, que sem-  
pre dança n'agua e nunca lava os pés?

B. A barca.

R. Qual é aquelle que se mette  
na prisão por sua vontade?

B. O bicho da seda.

R. Qual é a mais desgraçada flor  
que ha?

B. Aquella que sahe da pipa, quan-  
do se acaba o vinho.

R. Qual é a cousa mais desaver-  
gonhada que ha?

B. O vento, que se mette até de-  
baixo das saias das mulheres.

R. Qual é aquella cousa que nin-  
guem quer em casa?

B. A culpa.

R. Qual é aquelle torto que cor-  
ta as pernas aos direitos?

B. A souce de regar o trigo.

R. Qual é a femea mais cheia que ha?

B. A masseira em que se faz o pão.

R. Quanto annos tens tu?

B. Quem conta os annos, faz conta com a morte.

R. Qual é a cousa mais alva que ha?

B. O dia.

R. Ainda mais que o leite?

B. Mais que o leite, e tambem mais que a neve.

R. Se não messazeis ver isso, te mandarei carregar bem de pancadas.

B. O infelicidade e miseria das cortes

*Astucia particular do engénho de Bertoldo, para não levar arrochadas.*

Foi-se portanto Bertoldo, e tomando uma bacia de leite, escondidamente a pôz na camara d'El-rei, e fechou todas as janellas. Era meio dia quando Elrei entrou na camara e como estava escura, tropeçou na bacia do leite que ficou todo entornado pelo chão e pouco faltou que não cahisse debruços, e enfadado ao maior limite, fez abrir uma janella, e vendo aquelle leite deitado pelo chão, e a bacia em que tinha tropeçado, se pôz a gritar, dizendo:

R. Quem me pôz aqui esta bacia de leite na minha camara, e fechou as janellas para me fazer tropeçar?

B. Fui eu, para provar-te que o dia

é mais alvo e mais claro do que o leite; porque se este fosse mais alvo que o dia te daria luz, quando entraste na camara, e não tropeçarias na bacia.

R. Tu fizeste como um villão, e a cada cesto achas sua aza; mas quem é este que aqui vem? certamente é um pagem mandado pela rainha, e tem uma carta na mão. Tira-te de parte, para que eu saiba o que me quer dizer.

B. Eu me tirarei, e o ceo queira que não seja para mim alguma triste nova *Humor fantastico, que se metteu na cabeça ás mulheres da cidade.*

Veio o portador da carta, e depois de fazer a devida reverencia a El-rei, lhe entregou a mesma carta cujo conteúdo consistia, em que as matronas mais nobres daquella cidade desejavam, e pediam livremente a s. magestade que podessem ellas tambem ser admittidas com seus votos nos conselhos, e regimen da cidade, assim como praticavam seus maridos consultar, ouvir queixas, sentenciare em concluzão fazer o mesmo, que faziam os do senado, e magnates da cidade, allegando que haviam muitos exemplos de que outras do seu sexo tinham

governado impérios & reinos com tanta prudencia, e talvez mais da que tiveram muitos reis, e imperadores passados; que tinham sahido ao campo armadas, defendendo os seus estados valorosamente, e que por isso sua magestade não devia rejeitar-as mas aceitar a sua proposição, fazendo-se participantes de quanto pediam. pois lhe parecia estranhavel que os homens tivessem o dominio de todas as cousas, e elles fossem tidas em nenhuma consideracão: e no fim alludiam que saberiam conservar o segredo nas cousas d'importancia, tanto quanto os homens, e talvez mais, e a rainha é a que fazia as mais fortes instancias para o bom despacho deste negocio, que muito lhe recommendava. Tendo lido El-rei a carta, e percebido a louca petição destas mulheres, não sabia que resolução devia tomar; e chamando Bertoldo lhe communicou tudo o que passava, de que elle pondo-se a rir com grande vontade, El-rei s'enfadou d'alguma sorte e lhe disse:

R. De que te ris, selvagem?

B. Eu rio por certo, e quem não risse agora, merecia lhe quebrassem os dentes.

R. Porque?

B. Porque estas mulheres te conhecem por um tolinho, e não por Albomo e por isso te fazem este louco peditorio.

R. Está nellas o pedir, e em mim o conceder.

B. Coidado daquelle cão, que deixa lhe peguem no rabo com a mão,

R. Falla de sorte, que eu t'entenda,

B. Pobres daquellas casas, em que as gallinhas cantam, e o gallo se cala.

R. Tu és como o sol de Março, que commove, e não resolve.

B. A quem bem entende, poucas palavras bastam.

R. Acaba de tirar fóra do sacco o que me queres dizer,

B. Quem quizer ter a casa limpa, não consinta frangas nem pombas,

R. Falla a propósito tanacha de carro; vamos á conclusão.

B. Quem entende, quem não entende, e quem não quer entender.

R. Quem se mette com carqueija, a sopa lhe sabe a fumo.

B. Que queres tu finalmente de mim?

R. Eu quero que me dês nesta occasião o teu conselho,

B. A formiga pede agora pão á cigarra?

R. Sei que tu és homem de juizo, que sabes muitas invenções; e assim quero deixar ao teu arbitrio a deliberação deste negocio.

B. Se me dás esta faculdade, está certo que bem depressa te livrarei da

matraca. Deixa-me cuidar a mim no re-  
medio, que se estas mulheres te tornarem a  
fallar-te mais na historia quero ser um cão,

R. Ora bem, procura despedil-as o mais  
depressa que poderes.

*Astucia industriosa de Bertoldo para  
tirar o capricho da cabeça ás mulheres.*

Foi logo Bertoldo á praça, e comprou  
um passarinho, o qual fechou n'uma boceta,  
e o levou a El-rei, dizendo-lhe que  
mandasse aquella boceta assim fechada á  
rainha, para que ella a fizesse entregar  
áquellas mulheres, commettendo-lhes ex-  
pressamente de a não abrir: e que na ma-  
nhã seguinte fossem á sua presença, levan-  
do a boceta da mesma sorte, que se lhes  
entregava; porque lhes seria concedida a  
graça que pediam. Tomou o pagem a bo-  
ceta, e a levou à rainha, a qual a entre-  
gou ás ditas matronas, que estavam na sua  
camara esperando a resposta, commetten-  
do-lhes expressamente por parte d'El-rei,  
que de nenhum modo abrisse a dita boceta,  
e que tornassem com ella no dia seguinte,  
pois teriam o despacho que desejavam de  
El-rei, á supplica; e assim se foram mui  
consoladas.

*Curiosidade das mulheres.*

Depois de se terem ido as mulheres do  
paço, logo as tentou um excessivo desejo  
de ver o que estava dentro da bocetinha  
dizendo umas: vejamos nós o que se nos

encerra aqui dentro; outras diziam, não façamos tal, porque temos ordem expressa de a não abrir, e pôde ser que dentro esteja alguma cousa d'importancia para El-rei. Que pôde ser finalmente? diziam as mais curiosas, e quando nós a abramos, não podemos por ventura tornal-a a fechar como está? sim, sim, abra-se, esteja dentro o que estiver.

*Resolução das mulheres para abrirem  
a caixinha.*

Por fim, depois de muitas razões e debates que houveram entre ellas, resolveram abrila, e apenas tinham tirado a tampa, que o passarinho, conhecendo a sua liberdade se valeo das azas, e voando ao ar, logo desapareceu, deixando áquellas mulheres a confusão, e o pezar da sua curiosidade, acrescentando-se o desgosto em não ter podido observar que casta de passaro fosse, pela velocidade com que fugio, pois se o tivessem conhecido, sem duvida fariam todas as diligencias para achar outro similhante, e assim levarem a boceta da mesma forma, que a tinham recebido, com o que não podia haver mal.

ED. DO SUP. O LIVRO DE M. J. S. E. 1717. 1.º VOLUME.

*Pesar das mulheres por lhe ter fugido o passarinho que estava na caixinha.*

Mas o demonio da sua curiosidade quiz que succedesse o contrario ; pelo que ficaram todas tristes, e melancolicas, reprobando com mil exagerações aquelle seu vicio natural. Coitadas de nós, diziam, como temos cara para apparecer diante d'El-rei, se desta forma observamos o que nos ordenou, não podendo ter uma só noite fechado o passarinho ? pobres miseraveis de nós ! que animo será o nosso ámanhâ ? haverá maior desconsolação que esta ? assim passaram toda a noite na maior angustia e tristeza, não sabendo resolver, se haviam d'ir no dia seguinte á presença d'El-rei, ou deixarem-se estar em casa.

*Resolução das mulheres animosas,*

Passada a noite, sendo já dia claro, levantaram-se as ditas mulheres, e se ajuntaram todas, que como exasperadas, não sabiam qual partido haviam de tomar, para determinarem se haviam d'ir á presença d'El-rei mediante o erro que tinham feito, e tambem estavam em duvida se haviam primeiro comunicar o successo á rainha ; umas eram de parecer que sim e outras

que não ; cada qual allegava razões diferentes, que alludia persuasivas, e finalmente depois de grandes, e contenciosos debates, sahiu uma d'entre ellas que tinha algum juizo mais que as outras, a qual fallou desta maneira : para que estamos perdendo o tempo em fazer tantas paroladas ? O crime já está feito, não se pode encobrir, nem emendar, senão com pedir perdão a El-rei, confessando lhe tudo tal e qual como sucedeo ; pois sendo elle de natureba benigno, principalmente com as mulheres, facilmente nos perdoná, e eu serei a primeira a fallar-lhe ; eia pois cobremos animo, segui-me todas, que isto não é nem hum homicidio, é um passarinho, que em conclazão se compra com dez reis, e por elle ter voado não devemos perder tanto a coragem ; vinde comigo, e não tenhais algum receio. Outras diziam que se enfadaria mais do acto de desobediencia, do que se lhe tivessem feito fugir quantos passaros estavam nas suas tapadas e jardins. Finalmente volta para cá, e volta para lá, determinara ir á presença da rainha, e narrar-lhes todo o facto, como fizeram.

*As mulheres se apresentam á rainha,  
a qual as leva diante d' El-rei.*

Ouvindo a rainha tal coisa, ficou muito perturbada de animo, e não sabia que dissesse, nem o que havia de fazer receando alguma grande desordem, com tudo fez todo o esforço para disfarçar a oppressão que sentia, e levou á presença d' El-rei toda aquela comitiva de mulheres, que seriam perto de trezentas, as quais iam todas com os olhos fitos no chão, cheias de vergonha. Chegada que foi a rainha á sala da audiencia, saudou El-rei, e elle fez o mesmo com rosto alegre, fazendo-a assentar junto a si; e depois lhe perguntou, que boa nova alevava á sua presença, acompanhada de tão grande comitiva de mulheres?

*A rainha conta a El-rei a fugida do passarinho.*

Disse a rainha: saiba v. magestade, que venho aqui diante da real coroa com estas nobilíssimas matronas saber a resposta da supplica que fizeram, para entrarem também elles nos conselhos, negócios e exercícios, que se dão aos do grande senado: e tendo-lhes v. magestade mandado aquella bocetinha com ordem expressa

sa de a não abrirem por nenhum modo, e que a houvessem de trazer hoje, tal e qual como lhes foi entregue; uma mais curiosa que as outras, desejando ver o que se encerrava dentro, abrio-a, sem attender a outra coisa, e o passarinho fugio logo de cujo sucesso ficaram todas tão tristes, e desconsoladas, que não ousavam levantar a cabeça, nem olhar para v. magestade, pela grande vergonha que tem, de haver desobedecido ao preceito real; porem v. magestade que sempre foi benigno para com todos, hade perdoar-lhes este erro que fizeram, não por violar a sua ordem, mas por um mero desejo, e curiosidade, de que arrependidas e pezarosas pedem perdão a v. magestade.

*El-rei mostra-se muito enfadado, reprende as mulheres, perdoa-lhes, e manda-as para suas casas.*

Quando El-rei, que outra coisa não desejava, ouvio o referido, se fingio irritado ao maior excesso; e voltando-se para as mulheres, lhes disse: com que vós deixastes fugir o passaro da caixinha, mulheres tolas, e sem juizo? e como então tendes ousadia para pedir que se vos communiquem

os negócios dos conselhos secretos da minha corte ? dizei-me, como podereis ter em segredo uma causa na qual estivesse o interesse do meu estado, e a vida dos homens se uma só hora não podestes ter fechada uma bocetinha, que com tantas instancias vos recomendei? ora ide cuidar nos vossos exercícios, nas vossas famílias e no governo das vossas casas, e deixai aos homens o governo das cidades ; sem dúvida, que todas as causas levariam bom caminho, se passassem pelas vossas mãos ; porque qualquer segredo, por mais importante que fosse, em menos de meia hora se saberia por toda a cidade ; ora ide-vos, que eu vos perdôo, cuidai no que vos pertence, e não entreis outra vez em similhante frenesi. Despedio depois a rainha, fazendo-a acompanhar por muitos cavaleiros até ao seu quarto. Desta forma se foram aquellas desconsoladas mulheres, cada uma mal contente de si mesma, e nunca mais fallaram em que as admittissem a conselheiras e consultoras, pois que El-rei as tinha consultado por uma vez, mediante a astúcia do subtil Bertoldo, a quem depois disse El-rei, rindo-se :

R. Melhor invenção que esta não  
podias achar, meu Bertoldo, e sahio  
a maravilhas.

B. Bem vai a cabra coxa, em  
quanto não tópa o lobo.

R. Porque dizes tu isto?

B. Porque mulher, agoa e fogo,  
em toda a parte acham lugar sem  
grande rogo.

R. Quem se assenta na ortiga, mui-  
tas vezes lhe pica como a formiga.

B. Quem cospe contra o vento,  
cuspo lhe cahe na cara.

R. Quem mijia sobre a neve por  
força se hade ver a urina.

B. Quem lava a cabeça ao burro,  
perde o trabalho e o sabão,

R. Por ventura dizes tu isto a meu  
respeito?

B. Sem dúvida, que só a teu res-  
peito, e não de outrem fallo.

R. E que motivo tens tu de quei-  
xa contra mim?

B. E que motivo tenho de dizer bem:

R. Mas dize-me, que offensas ten-  
recebido de mim?

B. Eu cooperei para negocio de tan-  
ta importancia, e tu em lugar d'asse-  
gurar-me a vida, me estás logrando.

R. Eu não sou tão ingrato que

não conheça os teus merecimentos.

B. Conhecer os é pouco, o tudo é  
remunerar os.

R. Cala-te, que eu quero remunerar-te de forma que fiques a pés iguaes.

B. Tambem aquelles que são enforcados ficam a pés iguaes.

R. Tu intrepetas todas as cousas ás avessas.

B. Quem diz mal, quasi sempre advinha.

R. Tu não só dizes mal, mas fazes tambem mal.

B. Que mal tenho eu feito na tua corte?

R. Tu não usas nenhuma sorte de cortezia, nem de boa criação.

B. Que te importa a ti se eu sou mal criado, ou mal acostumado?

R. Muito me importa, porque para comigo te has sempre havido como um villão ruim.

B. Qual é o motivo?

R. Porque quando tu vens á minha presença, nunca tiras o chapéu, nem abaixas a cabeça.

B. Um homem não deve abaixar a cabeça a outro homem.

R. Deve-se usar cortesia e reverencia, segundo a qualidade dos homens.

B. Todos somos de terra ; tu és de terra, eu sou de terra, todos nos havemos tornar em terra ; e assim a terra não deve reverenciar a outra terra.

R. Tu dizes bem, que todos somos de terra ; porém entre a mesma terra ha muitas diferentes : suppõe tu que a diferença, que ha entre nós ambos, é a mesma que ha entre dous vasos, dos quaes, sendo um de maior estimação, serve para ter licores preciosos, e cheirosos, e o outro, que é mais ordinario, serve para exercícios vis, e despreziveis ; e desta forma sendo eu como um daquelles que tem balsamo, e licores dos mais preciosos, e odoríferos, etu um daquelles, em que se fazem ainda outras coisas muito peiores, são com tudo fabricados pela mesma mão, e feitos da mesma terra.

B. Eu não te nego isto, mas sim te digo, que tanto quebradiço é um como outro, e quando ambos estão quebrados, deitam-se os pedaços pelas ruas, não se fazendo distinção nenhuma d'uns, nem de outros.

R. Ora, seja como for, e quer que me abaixes a cabeça.

B. E eu não o posso fazer, tem paciencia.

R. Porque não o podes fazer?

B. Porque eu tenho pernas de salsa, e por isso não queria quebral-as, quando fosse abaixar-me.

R. Ah! villão-ruim, eu quero que contra tua vontade me faças reverencia, quando vieres á minha presença,

B. Olha, tudo pode ser, mas a mim custa-me muito a crê-lo.

R. Isso se verá amanhã, vai-te esta noite para casa e veremos quem vence  
*El-rei faz abaixar a porta da sua camara, por onde Bertoldo devia entrar, para que por força se inclinasse a fazer-lhe venia, quando fosse a passar.*

Logo que Bertoldo se foi, fez El-rei abaixar a porta da sua camara, em certo modo, que quem passasse por ella havia forçosamente abaixar a cabeça; e para que desta forma, quando Bertoldo quizesse entrar por ella no dia seguinte fizesse a venia a seu pesar; nesta certeza estava esperando com impaciencia o dia, para ver o effeito desta cousa.

*Astacias de Bertoldo, para não fazer venias a El-rei.*

Na manhã seguinte o astuto Bertoldo não deixou d'ir ao Paço, como

costumava, e vendo a porta da camara d'El-rei abaixada daquelle sorte, logo supoz com malicia, que elle a tivesse mandado assim fazer, para que sao entrar por ella, lhe fizesse venia abaixando a cabeça; mas Bertoldo, em lugar de passar pela porta direitamente, e fazer reverencia a El-rei lhe voltou as costas, entrando assim para o honrar, e reverenciar com as faces do az de copas. Então sim, que El-rei conheceu ser este homem o principe da astucia: estimou muito no interno esta graça: porem comiudo isto, fazendo demonstração de a levar a mal, lhe disse:

R. Quem te ensinou, villão ruim, a entrar desta forma nas camaras reaes?

B. O caranguejo.

R. Como te ensinou o caranguejo? certamente escolheste bom bordão para te encostar.

*Fabula do caranguejo, e da lagosta,*  
contada por Bertaldo.

B. E' necessario saberes, que meu pai teve dez filhos, era pobre, como o sou tambem eu; e porque muitas vezes não havia pão para cear, em lugar de dar-nos de comer e mandar-nos satisfeitos para a cama, costuma-

va contar-nos alguma fabula, e no entanto nós famos adormecendo passando muitas vezes assim até manhã. Entre outras, que lhe ouvi contar, ficou-me uma na memoria, a qual se quizeres ter paciencia d'ouvir não deixarás de ter gosto nella, e é muito adequada ao nosso proposito.

R. Dize, dize, que terei summo gosto de ouvir.

B. Dizia meu pai, que quando os animaes fallavam, e que as cotovias faziam capinhas, o caranguejo e a lagosta, que eram muito amigos, se dispuseram a ir pelo mundo para ver como se vivia nas outras terras; o caranguejo então andava para diante, como os outros animaes, e a lagosta não ía de ilharga, como agora faz. Ora, estes sahiram da casa de seus pais e depois de andarem muito tempo correndo mundo chegaram ao reino das cavallas, passaram dahi ao dos lagartos, que confina com o d'El-rei dos macacos, e assim rodeando grande parte deste orbe, viram muitas, e diferentes ceremonias, costumes e ritos entre aquelles pequenos animaes. Finalmente se acharam no reino dos saguins, mas já era noite, e como en-

tre estes e as doninhas havia grandes guerras, por serem confinantes, e uma nova suspeita de traição tinha posto em armas uma, e outra potencia; logo que foram chegados os nossos dois companheiros áquelle lugar conhecêram os guardas que eram estrangeiros e os tomaram por dois espiões, prendendo-os logo de pés e mãos, e os levaram diante do seu capitão, o qual fazendo-os examinar com grande exação, não achou nelles outra curiosidade mais, que o desejo de verem o mundo, e que por isso tinham ali chegado; que sendo estrangeiros, não podiam ser informados do que se passava, e assim desejavam lhes fosse concedida a liberdade para voltarem ás suas patrias, ou tambem se lhes quizessem assentar praça de soldados dando-lhes o soldo como aos mais, os serviriam naquella guerra com toda a fidelidade. Ouvindo isto o capitão, logo os fez desatar, e parecendo-lhe que erão animaes capases de qualquer facção, por terem tantos braços e tâias pernas, os acceitou, assentando-lhes praça. Daí a não muitos dias sucedeo, que o caranguejo foi mandado ao campo inimigo, para obser-

var com toda a cautella o que se fazia nelle. Como esta casta de animal não era conhecido naquellas terras, e elle caminhava com grande silencio, cobrindo-se muitas vezes debaixo da sua concha, estavam certos que não seriam descobertos com tanta facilidade; assim foi elle animosamente ao campo dos inimigos, aonde achando que os guardas avançadas dormiam, passou mais adiante, até que chegou ao pavilhão do rei das doninhas, cuidando que nelle tambem estivessem dormindo, mas o pobre teve também pouca fortuna porque lá estavam acordados, jogando o truco e bilharда; assim que deitou a cabeça de dentro, foi logo visto por um daqueles soldados, o qual passo a passo se levantou de jogar, em forma que o desgraçado caranguejo não o advertiu, e tomando um pão lhe atirou com elle, e acertando-lhe direitamente na cabeça, atordoou-o de maneira que quasi parecia morto, e se não tivesse o abrigo das suas costumadas armas, para debaixo dellas se recolher, lhe saltariam os miolos fóra. Aquelle que o feriu, não sabendo que fosse espião e só cuidando que alli tivesse chegado

por acaso, pois não tinha cara de espião, julgando que estivesse morto, o tomou pelos cornos e o deitou n'um fosso, e sem suspeitar outra cousa, tornou ao seu jogo. Ora no caminho, tendo tornado em si o miserável caranguejo, e não podendo levantar a cabeça, por causa da grande pancada que tinha recebido, jurou que nunca mais queria entrar com a cabeça para diante em nenhuma parte, mas sim caminhar para traz, a fim de que se alguma vez lhe tornassem a fazer daquellas esmolas, as aceitasse mais depressa com o espinhaço do que com a cabeça. Neste estado, voltando ao campo, deu relação de quanto lhe tinha acontecido, e de estarem os primeiros guardas dormindo, mas que no pavilhão real estavam levantados o que ouvido pelo capitão, deu as necessárias ordens promptamente, para que sem demora e com o maior silêncio se armassem os esquadrões, com os quaes deu de repente sobre os inimigos, e vencendo com pouca resistência as primeiras linhas, chegou ao pavilhão real, onde matou quantos n'elle se achavam, fazendo a vingança da pancada que deram ao caranguê.

jo, o qual para que lhe não succedesse outra similar historia, disse á lagosta: vamos com Deos, porque a guerra não é boa para nós, e como fugiremos, disse a lagosta, em forma que não sejamos vistos ou descobertas as nossas pégadas? tu caminharás de ilharga, respondeu o caranguejo, e eu para traz, e assim nos veremos livres; agradou a proposição á lagosta e levantando-se logo nas pontas dos pés, com toda a gentileza se poe em caminho aos saltos, e ia tão depressa, que o caranguejo com muito trabalho podia alcançá-la. Desta sorte saíram do campo, aonde nunca se pôde saber para onde tivessem ido; pois a extravagancia do seu andar lhes não deixava signal algum de o conhecerem, com que chegaram ás suas casas, e por causa dos perigos em que se tinham visto, deixaram no seu testamento, que todos os seus sucessores houvessem de caminhar sempre na conformidade que elles fizeram no voltar para suas casas: até o dia de hoje se vê que o caranguejo anda para traz, e a lagosta de ilharga: e porque o caranguejo teve aquelle carolo na cabeça quando a metteo dentro do

pavilhão, eu sempre me lembrei disto,  
e por isso entrei de costas quando pas-  
sei por aquella porta, para vir à tua  
presença; porque melhor é levar o  
trazeiro do que a cabeçaria, que me di-  
zes agora, não é bonita esta fabula!

R. Sem dúvida que é, e foste um  
grande homem. Ora vai para casa, e  
amanhã torna a vir, mas de sorte que  
eu te veja, e não te veja; e traze-me  
a horta, a estrebaria e o moinho.

B. Ora advinhai-lá esta mastiga-  
da? Em fôrme enairei, e procurarei fa-  
zer o que soubes.

*Astúcia de Bertoldo para aparecer  
diante d'El-rei na forma que lhe  
ordenou.*

No seguinte dia mandou Bertoldo  
fazer por sua mão uma torta d'ace-  
gas bem untada com manteiga, que  
jó e bastante requijão; tomou depois  
um crivo, que pôz por diante do rosto  
e com a torta na mão foi á presença  
d'El-rei, o qual vendo-o aparecer  
daquella forma, não pôde sustentá-lo,  
e lhe disse:

R. Que significa este crivo, que  
tens diante do rosto?

B. Não me ordenaste que viesse á  
tua presença, em estado que me vi-

ses, e não me visses?

R. E' verdade: assim te ordenei.

B. Eis-aqui logo que estando por detraz dos buracos deste crivo, podes ver-me, e não podes ver-me.

R. Ora és um homem de grande engenho; mas onde está a horta, a estrebaria e o moinho que te disse trouxesses?

B. Aqui está esta torta, na qual estão infundidas todas as tres coisas, a saber: na acelga está a significação da horta; no queijo, manteiga, e requeijão se denota a estrebaria; e na farinha o moinho.

R. Eu nunca vi, nem praticuei mais agudo entendimento, do que o teu; ora pois, serve-te da minha corté em tudo o que te fôr necessário.

*Graças de Bertoldo.*

Ouvindo Bertoldo este offerecimento, que El-rei lhe fez, affastando-se alguma cousa dell'e para a parte donde os cavalheiros lhe faziam corte, desabotoou os calções, mostrando que queria fazer uma desistencia corporal quando visto por El-rei, se poza a gritar, dizendo:

R. Que queres fazer animal?

B. Não me dizes tu que me pos-

so servir da tu corte em tudo o que  
me fôr necessario?

R. Disse, não ha duvida, mas que  
acção é esta?

B. Então quero servir-me della,  
para descarregar um certo pezo, que  
tenho na barriga, o qual me dá tanto  
detrimento, que já o não posso ter,

Neste tempo, um daquelles guar-  
das d'El-rei, levantando um bastão,  
queria dar-lhe com elle, dizendo-lhe:  
bruto, porco, vai á estrebaria, aonde  
vão as bestas, como tu, e não sejas tão  
atrevido de fazer similhante porcaria  
na presença real, se não queres que  
te apalpe as costelas com este páo.  
Então Bertoldo, voltando-se para el-  
le, lhe disse: de vagar amigo de va-  
gar, não te mettas a ser cuidadoso a-  
onde te não chamam; não sabes tu,  
que as moscas, as quaes verás que an-  
dam pelas cabeças dos tinhosos, e por  
outros lugares ainda peiores, andain  
tambem sobre as mesas reaes, e fa-  
zem muitas vezes seus feitos nos pra-  
tos onde comem os principes? logo,  
porque não heide fazer as minhas ne-  
cessidades no chão, que é a causa,  
sem a qual não se pôde passar, quan-  
do El-rei mesmo me disse, que podia

servir-me da sua corte em tudo o que  
me fosse necessario ! e que maior ur-  
gencia podia eu ter de servir-me del-  
la senão para este effeito ? El-rei, que  
entendeo a metáfora de Bertoldo, e  
gostando muito daquella graça, tirou  
do dedo um annel de grande valor,  
dizendo : ora toma, meu Bertoldo,  
este annel, que só tu o mereces ; e vós  
ó thesoureiro, trazei-me aqui logo  
mil patacas, que lh'as quero dar.

B. Eu não quero que me inter-  
rompas o meu sonno.

R. Porque ?  
B. Porque se eu tivesse esse annel,  
e tanto dinheiro, não poderia ter so-  
cago, nem repousar, parafusando pe-  
lo sentido continuamente, em que o  
havia de empregar ; e assim nunca te-  
ria quietação ; alem de que, ouvirias  
dizer muitas vezes, que quem o alheio  
toma, vende-se a si inesmo : a natu-  
reza me produziu livre, e livre quero  
conservar-me.

R. Que posso fazer então para te  
premiar ?

B. Muito bem paga, quem conhe-  
ce o beneficio.

R. Não basta conhecê-lo sómente,  
mas é necessário tambem remunerá-lo

B. O bom animo é pontual pagamento do homem de bem.

R. Não deve o superior ceder em cortezia ao menor.

B. Não deve o menor receber com que seja superior ao seu merecimento.

A rainha manda novamente pedir Bertoldo a El-rei.

Em quanto estavam nestas porfias, chegou outro criado da rainha com uma carta, a qual continha, que El-rei lhe mandasse outra vez Bertoldo por todos os modos, pois achando-se ella algum tanto molesta, queria passar o tempo com as suas graças; mas isto era tudo pelo contrario, porque seu verdadeiro intento era fazer-lhe tirar a vida, depois que lhe chegou a noticia ter sido por conselho seu, que aquellas fidalgas tinham recebido a quella reprehensão d'El-rei; pelo que lhe tinha tal raiva, que se o podessem colher ás mãos, o lapidariam. Lendo El-rei a carta, e dando fé ao que nella lhe escrevia a rainha, disse a Bertoldo

R. A rainha te manda chamar outra vez, porque estando alguma cousa indisposta, quer que a vás divertir, e fazer-lhe passar a melancolia com as tuas graças.

B. Tambem a raposa muitas vezes se finge enferma, para apanhar os frangos.

R. A que proposito dizes tu isto?

B. Porque nem tigre, nem mulher, jamais deixou de se vingar.

R. Ora lê tu aqui, se sabes ler.

B. A practica, e a experientia são os meus livros.

R. O desdem da mulher nobre logo passa.

B. As brazas encoberdas deixam quentes por muito tempo as cinzas.

R. Não ouves tu as boas palavras, que ella te manda dizer?

B. Boas palavras, effeitos maliciosos enganam os doidos e os estúdiosos.

R. Ora vamos, se hasde ir, porque finalmente agua não é espada.

B. Quem por uma vez ficou escaldado de sopa quente, assopra nella, ainda quando está fria.

R. De corsario a corsario não se perde mais que os barris vazios.

B. O borracheiro cuida uma coisa e o taberneiro outra.

R. Em servir o proximo nunca se perde.

B. Servir com damno? Deos t'ô dê todo o anno.

R. Não tenhas medo de nada no meu palacio.

B. Melhor é ser passaro do campo, que da gaiola.

R. Ora não te faças desejar mais, vai por uma vez; porque cousa tanto rogada, depois pouco agrada.

B. Bem vai a quem dá exemplo desta sorte.

R. Quem mais está, ainda mais quizera estar.

B. Quem empurra a nau para o mar, fica em secco no estaleiro.

R. Ora vai aonde te mando, e não receies.

B. Quando o boi vai á morte, sua por diante, e treme por detraz.

R. Faze animo de leão, e vai sem temer.

B. Não pôde fazer animo de leão, quem tem coração de ovelha.

R. Vai seguramente, porque a rainha não te quer mal nenhum, antes tem rido muito sobre aquella peça.

B. Riso de senhor, sereno de inverno, chapéu de doido, e trote de mula velha, no jogo da primeira fazem poucos pontos.

R. Não te dilates mais, porque toda a tardança depois é aborrecida.

B. Ora pois, eu vou, já que tu me ordenas, succeda o que succeder; tanto assim, ou assado, é necessario que eu passe pela porta pequena, ou pela grande.

*Bertoldo com uma bella astucia se livra do primeiro impeto da rainha.*

Assim Bertoldo se encaminhou para o quarto da rainha; mas tendo presenciado, que ella tinha commettido aos seus coiteiros de cães, lhe avançassem todos logo que elle aparecesse, para que por elles fosse tragado, (tanto estava raivosa contra elle) primeiro quiz ir á praça, aonde encontrando um saloio, que tinha uma lebre viva, lh'a comprou, e a poz debaixo da vestia. Chegando elle ao palacio da rainha, os primeiros, que o vieram cumprimentar, foram um bando de cães, que vinham correndo a grande furia, para se lhe avançarem; e sem duvida o matariam a poder de mordedelas, se elle, conhecendo o perigo em que s'achava, não largasse logo a lebre a qual apenas foi vista pelos cães, que todos a ella se lançaram para alcançal-a, como é natural, ficando assim livre o pobre Bertoldo, sem alguma lesão daquelles agudos dentes, e assim subiu ao aposento da rainha, a qual ficou mui admirada, vendo-o vivo, quando cuidava que os cães o tivessem comido; e toda esfregada lhe disse:

Rain! Tu aqui estás monstro salteador!

B. Assim não estivera, como estou.

Rain. Como escapaste dos dentes  
dos meus cães?

B. Como? a natureza deu provi-  
dencia ao accidente.

R. A mulher do ladrão nem sem-  
pre se ri.

B. Quem vai ao moinho, é força  
que se enfarinhe.

R. Quem tem as primeiras, nun-  
ca fica sem ellas.

B. Quem merece, leva.

R. Por esta vez, tu as merecerás.

B. Não fica enganado, senão quem  
se fia.

B. Prometter, e não dar, vem por  
dido contentar.

B. Quem menos pode, paga o bode.

R. Quem não joga, lá gasta mal  
o seu de outros modos.

B. Parece ser prudente, quem des-  
graças nunca sente.

R. Que vá a besta, que torne a  
besta, tudo é o mesmo.

B. E' necessario que aqui não en-  
treis, dizia a raposa ao lobo.

R. E com tudo, tu que és tão astuto  
malicioso, vieste cabir-me nas mãos.

B. Paciencia, dizia o lobo ao bur-  
ro; muitos vão ás bodas, mas não  
vão á mesa.

R. Todo o tempo vem a quem pode esperar-o.

B. Venha embora, pouco entendimento faz de mister.

R. Atraz do trovão costuma vir a tempestade.

B. O peixe grande come o pequeno.

R. Nem todos os gallos conhecem a fava.

B. Todas as cobras tem a peçonha no rabo; mas a mulher irritada por todo o corpo a tem.

R. Tu não escaparás certamente desta vez; podes usar quanta malícia souberes; eu farei com que não te possas jactar, de fazeres mais estratagemas contra as mulheres.

B. Quem não vai a uma fonte, vai á outra; e quem vai mais depressa, engana o companheiro; e assim despacha-me por uma vez, como for de teu gosto, conforme disse em certa occasião o lobo a um vilão; e se nós vivessemos mil annos, não tenhas medo que nos vejamos jámais de boa vontade, nem haja entre nós boa harmonia.

*A rainha faz metter Bertoldo dentro d'um sacco.*

Então a rainha, toda enfurecida, fez pegan n'elle, atal-o muito bem, e depois o fez pôr n'uma camara, junto áquelle onde dormia, mas como se não fiava de que lhe escapasse, segundo o que tinha visto n'outras occasões, por obras das suas

astacias, o fez metter n'um sacco, pondo-lhe por guarda um quadrilheiro, para que tivesse conta nelle até a manhã seguinte, fazendo tençao de o mandar assim deitar no río, ou fazer lhe alguma outra cousa, com que sicasse impedido de rir-se nunca mais della com outras zombarias: assim o pobre Bertoldo ficou fechado no sacco, não tendo nunca medo da morte mais que aquella vez: com tudo concertou no pensamento uma nova astucia para sahir do saco, como com efeito sahio admiravelmente desta sorte.

*Astucia de Bertoldo para sahir do sacco onde o tinham posto.*

Estava o triste Bertoldo fechado naquele sacco, com a guarda daquelle quadrilheiro, e valendo-se da sua grande astucia, poz-se a fallar consigo mesmo queixando-se desta forma: ah fortuna inconstante, como te divertes em mal-tratar os ricos, como os pobres! e tu, maldita fazenda, a que extremidade me trouxeste? não me teria sido melhor que meu pai me não deixasse nada, porque assim não me veria reduzido a esta miseria em que me acho! de que me serviu andar vestido nestes rusticos trajes, para mostrar ser pobre: se agora me descobriram por rico, como sou? estes malvados, pela cobiça de apanharem para si o que é meu, querem fazer comigo parentesco! mas seja o que

fór, não haja medo, que eu receba tal mu-  
lher; porque sendo eu homem disforme,  
bem sei que ella nunca seria toda minha:  
ese a rainha quizer que eu a receba, algu-  
ma cousa se verá.

*O quadrilheiro começa a interessar-se  
na fortuna de Bertoldo.*

Ouvindo o quadrilheiro estas palavras,  
teve grande curiosidade de saber a razão  
daquellas exclamações, e como era de na-  
tural compadecido, lhe disse:

Quadr. Que historia é esta? de que  
te queixas? não me dirás, pobre coitado,  
porque te metteram neste sacco?

B. Oh amigo, a ti não te importa saber  
a minha vida, nem as minhas misérias:  
deixa-me queixar do meu fado, e tu cuida  
em fazer o teu officio.

Quadr. Com tudo que eu seja quadri-  
lheiro, nem por isso deixo de ser homem  
como são os mais, e de ter compaixão das  
calamidades do proximo: com que, se  
não posso ajudar-te com as minhas forças  
nos teus trabalhos, poderei ao menos dar-  
te alguma consolação com as palavras.

B. Pouca consolação me podes dar,  
porque é breve o tempo determinado pa-  
ra o que se ha de fazer.

Quadr. Querem por ventura dar-te  
açoutes?

B. Peior.

Quadr. A polliar-te?

B. Peior.

Quadr. Mandar-te para as galés?

B. Peior.

Quadr. Mandar-te enforcar, ou es-quart-jar?

B. Ainda peior.

Quadr. Queimar?

B. Trinta mil vezes peior.

Quadr. Que diabo te podem fazer peior que isto?

B. Querem-me casar.

Quadr. E isto é peior d'aquillo que eu disse? deves tu ser algum animal, ou besta, eu cuidava que te quizessem fazer algum grande mal. Tomai-vos lá, querem-no casar! ora isto sim, que é para se cantar com a viola.

B. Não é que o casar me seja peior do que esses castigos, mas o modo com que querem eu receba a mulher.

Quadr. E com que modo t'a querem dar? falla claro.

B. Está ahi alguém, mais que tu? não quizera que alguma outra pessoa me ouvisse, porque então sim, que eu ficaria de todo perdido.

Quadr. Ninguem está mais do que eu; falla sem receio.

B. Olha bem, por tua vida, que depois não fossem dizer tudo o que ouvirem; e tu vê bem o que fazes.

Quadr. Não tenhas medo de nada, porque eu nunca cōstumei fazer isto, e nem menos daqui por diante m' o verão fazer.

B. Ora pois, eu de ti me fio, conhecendo pelo teu bom modo, que és homem de bem; e tambem saiba-se o que se souber, pouco me importa; tanto o que ha de ser, já não tem remedio.

Quadr. Conta-me pois toda a historia, que eu terei gosto de ouvi-la.

B. Deves saber que, sendo eu rico dos bens da fortuna, comtudo, que desforme, e monstruoso de pessoa, tenho muitas fazendas, e terras, e parte destas confinam com as d'um certo cavalheiro que tem uma filha, a cousa mais bella, que possa ver-se. Vendo elle as minhas riquezas (supposto que eu seja camponez, e feio eomo te digo) intenta casar esta sua filha comigo, tendo-me para este effeito fallado muitas vezes, não tanto pela minha pessoa, mas pelas muitas fazendas, que sabe eu possuo, pois supponho que da minha vida pouco lhe importa, antes creio que depois de casado me quizera ver pendurado em uma forca.

Quadr. Com que então, és rico?

B. Torno a dizer-te, que poucos ha da miuha condição, que tenham tantos rebanhos de toda a casta de animaes, tantas fazendas, e por fim tudo o que pode haver.

Quadr. Quanto poderás ter tu de renda

B. Um anno por outro sempre hei de ter de renda quinze mil cruzados, e ainda mais.

Quadr. Apre! ha muitos condes, e marquezes, que não tem tanto. E esse cavalheiro é rico tambem?

B. Elle acha-se bem, mas em comparação do que eu tenho, é mais pobre.

Quadr. Quanto terá de renda?

B. Tres mil cruzados, e não chega.

Quadr. Então não é tão pobre, como tu dizes; e além disso não é nobre?

B. É nobre! nobillissimo.

Quadr. E então não te quer dar nada em dote?

B. Sim, quer; eu tudo te direi, porque estamos aqui sós; mas não vês que não posso fallar neste sacco? Se tu o não desatas, de sorte que eu possa pôr a cabeça de fora, vejo-me sufocado para fallar; e depois poderás fechá-lo outra vez, quando tiveres ouvido tudo o que desejas saber.

Quadr. De muito boa vontade; aqui está aberto; falla, e não estêjas triste. Mas tens uma horrenda cara; se o resto do corpo corresponde à cabeça, deves ser um feio animal.

B. Tira-me fóra todo, e verás a minha bella pessoa.

Quadr. Sim, mas depois é necessário que tornes para dentro da saco, tanto que tiveres fallado, e que eu te feiche como estavas.

B. Nisso não teremos nós duvida. O Quadrilheiro tira Bertoldo do saco

Quadr. Ora pois, vem para fóra.

B. Aqui estou; que te parece este meu corpinho ?

Quadr. Em verdade te asseguro, que és um gentil moço. A pre lá ! Que bella figura ! Eu não tenho visto besta mais feia que tu ! a noiva já te viu, por ventura ?

B. Ella nunca me viu, e para que me veja, me fizeram metter neste saco, querendo o pai trazel-a a esta camara, para que nos casemos ás escuras, e depois que estiver feito o matrimonio, mostrar-me ; porque então não ha remedio senão contentar-se, estando tudo isto assim ajustado ; e a mim logo me serão dados eli dote douz mil dobrões de Hespanha, que lhe dá a rainha, para que lhe não fuja esta boa fortuna.

Quadr. E' bella fortuna certamente ; porque terá um menino tão bonito, e gracioso como tu, para trazer nos braços. Ora vede lá como vão as

sousas deste mundo! ah maldita ri-  
queza quantos homens e quantas mu-  
lheres faz cahir nestas parvoices de  
mandar semelhantes chascos, ou pa-  
ra melhor dizer, infernos deste mun-  
do: vede um destes alarves, que pa-  
rece monstro infernal; porque tem ri-  
quezas, os Cavalheiros se presam de  
fazer com elle parentesco. Ora, bem  
diz o ditado, que a riqueza faz estar  
o tinkoso á janella; eu que sou pobre  
e que não sou tão monstruoso como  
este demonio, não acharia semelhan-  
te ventura; mas a maldita fazenda  
é causa de tudo: paciencia!

B. Se tu fosses homem de bem,  
eu te faria esta noite venturoso.

Quadr. De que sorte?

B. Eu estou resoluto de não rece-  
ber esta mulher por nenhum modo;  
porque como me dizem que é for-  
mosa como o mesmo sol, está-me  
parecendo que não será toda para  
mim, e alem disto, vendo-me ella  
tão horrendo, poderia talvez fazer-  
me comer algum bocado daquelles  
que comem a vida; assim, se queres  
entrar em meu lugar neste sacco, eu  
te renunciarei esta grande ventura.

Quad. Algum ridiculo faria talvez

esta parvoice para depois quando fosse descoberto, achando-se que não eras tu, lhe fizessem atirar um tiro, e dar um salto de ancas.

B. Disso não receis, porquê, depois que tiveres recebido a noiva, e que fores descoberto, tu, que és um bom macaco, e não horrendo, como eu, em ella te vendo não dirá que te não quer, e o que está feito não se pode desfazer, nem tornar atraz com as duas mil dobras; e assim entrarás tambem de posse de toda a fazenda: porque o pai é velho, e não pode estar muito tempo sem ir cheirar a terra das sepulturas, e desta forma poderás daqui em diante viver com toda a grandeza, e honradamente, sem exercitar este teu officio tão vituperioso, e infame.

Quadr. Tu fazes mui facil a empreza; porem eu não quero por-me nesse risco: anda tu para o sacco, porque a minha pelle valle mais que essas riquezas.

B. Ora és bem basbaque! eu me compadeço de ti; mas não sabes o que por todo o mundo se diz: que ao homem animoso é bom tentar fortuna. Que mal te pode succeder, tomá-

ra saber, neste negocio ? parece-te que o pai della te fará alguma cosa depois que te receberes ? tu crês que ella, sendo tão modesta, diga que não te quer ? parece-te que a rainha sendo tão liberal, e generosa, não queira dasembolçar o dinheiro para não parecer avarenta ! Todos se lião de sujeitar áquillo, que o ceo destina e deixarão passar tudo em silencio, e assim irás para casa da noiva, e com o tempo serás herdeiro de tudo, e por todos respeitado como fidalgo. Homem sabe conhecer a tua fortuna, e vê que nem todos os dias aparecem destas occasiões : entra no sacco, e não te dê algum cuidado o mais ; porque, se houvesse algum perigo para ti, eu o diria, prezando-me de fallar sempre verdade, e claro com todos : deixa-te ir, e amanhã, antes de jantar, saber-me-has dizer se te enganei ou se verdadeiramente sou teu amigo.

*O Quadrilheiro começa a cahir no logro.*

Quadr. Tu me propões a empreza tão bellamente, que quasi a creio : e estou para me pôr a ella, tendo sempre ouvido dizer, que quem não arrisca, não ganha ; quem sabe se esta

ventura está preparada para mim por favor do ceo ?

*Bertoldo mostra não querer o Quadrilheiro dentro do sacco, para lhe infundir maior desejo.*

B. Eu não posso estar aqui com tantas paroladas ; quem não sabe conhecer a sua boa fortuna, quando lhe caher nas mãos, depois anda procurando-a todo pesaroso, e não a acha. Se o ceo te quer fazer este beneficio, para que o queres tu despresar ? Mas eu te asseguro, que se tivesses conhecimento da minha sinceridade, não farias tantas repugnancias : ora pois amigo, faze o que te parecer, se não queres fazer o que te digo : eu não posso estar aqui cansando-me em fazer-te tantos prologos ; aqui me torno a metter no sacco, anda fechar-me nelle, e não tenhas medo que te torne a fallar nunca mais neste negocio, já que és tão falto de animo.

Quadr. Espera mais um pouco, que não falta tempo para entrar no sacco.

B. Quem tem tempo não espera tempo : eu bem vejo que tu não sabes conhecer a tua ventura, e assim não quero estar aqui mais a quebrar-te a cabeça, e eu quebrar a minha,

sendo bem tolo quem quer fazer bem a outrem, que o não quer, ou o não sabe agradecer.

*O Quadrilheiro se resolve a entrar no sacco.*

Quadr. Ora eu conheço verdadeiramente que estas tuas palavras nascem de um zelo de amor, que me tens; e bem vejo que por meu respeito te prejudicas bastante, aqui estou resoluto para entrar no sacco, e fazer tudo o que me tens dito; pois é certo que quando me tiver recebido com esta rapariga, por força será necessário que fique minha, e que todos tenham paciencia, se não for de sua vontade.

B. Não, anda fechar-me no sacco, que eu me metterei dentro delle.

Quadr. Espera não te mettas nelas, porque eu me metterei; já estou resolvido.

B. E eu já não quero; vamos, anda atar a bocca do sacco.

Quadr. Ah! por quem és, amigo meu, não me tires esta ventura; eu t'a peço por esmola.

B. Ora vamos, não quero deixar de fazer-te esta caridade; comtudo, ainda que me tenhas feito enfadar al-

guma cousa, entra dentro do sacco,  
e não te ponhas a fallar mais, e só es-  
pera o que ha de vir; e ámanhã sabe-  
rás dizer-me o bem que te tenho feito.

Quadr. Se eu te não conhecesse por  
homem de bem, e sincero, não me  
deixaria induzir a metter-me neste  
sacco; mas bem se está vendo a tua  
excessiva bondade.

B. O ceo é o que te faz dizer isso:  
ora pois mette bem de dentro est'outro  
braço, e abaixa alguma coisa mais á  
cabeça; porque tu és mais alto que  
eu, e assim não poderei fechar a boc-  
ca do sacco.

Quadr. Ai, ai, que me quebras o  
pescoço... mas feicha, feicha como  
quizeres, porque já agora pouco po-  
dem tardar a chegar os parentes, se-  
gundo o que tens dito.

B. D'aqui a duas horas, ou tres,  
ao mais, estarás despachado... Ora  
aqui estas fechado, está quieto, não  
digas mais nada, para que tudo se fa-  
ça como deve ser.

Quadr. Eu não fallarei mais...  
mas encosta-me á parede, senão não  
poderei estar tanto tempo em pé des-  
ta forma.

B. Aqui sicas encostado; estás bem?

Quadr. Muito bem.

B. Ora pois, pouca bulha, cala  
a bocca, e sabe governar-te, como  
é necessario.

Quadr. Eu não fallo mais; cala-  
te tu tambem, e deixa vir a noiva,  
*Bertoldo, tendo enganado o Quadr.*

*lheiro, deixa-o no sacco em seu lu-  
gar á descripção do furor da rainha*

Depois que Bertoldo fechou no sac-  
co o basbaque do quadrilheiro, cui-  
dou logo em fugir para não esperar  
a tormenta, que estava preparada a  
cahir sobre elle na manhã seguinte;  
e como era necessario que passasse  
pela camara da rainha, applicou  
mais de uma vez o ouvido para ver  
se alguém estava acordado, e não ou-  
vindo nada, porque todos estavam no  
primeiro sonno, abrio muito de man-  
so a porta da sala, aonde ella estava:  
entrou na sala, e daqui passou á ca-  
mara donde dormia a rainha, e che-  
gando-se á cama della, achou que es-  
tava muito ferrada no sonno, pelo  
que, quiz fazer lhe uma peça, to-  
mando-lhe umas ropas com que se  
vestio, e assim passou por todas as ou-  
tras camaras em que dormiam as da-  
mas; e tendo achado á cabeceira do

leito da ama as chaves de todas as portas, as foi abrindo com muita destreza, e sahio fora do palacio: mas como tinha cahido muita neve na quella noite, que cobria todas as ruas receando que se conhecessem assuas pégadas, e o apanhasset, voltou os capatos dos pés ás vessas, ficando os saltos para diante, e as pontas para traz, de sorte que em lugar de mostrarem as marcas ter sahido do palacio, parecia que tinha entrado alguem; e assim andou tanto para uma parte, e para a outra, que depois de muito tempo chegou onde estava um forno por detraz das muralhas da Cidade e ahí se metteo para se esconder.  
*A rainha não achando o seu fato, dá culpa ao quadrilheiro, que, não estando já no seu lugar, o teria furtado, e fugido, e pôe-se a fallar com elle, cuidando que fallava com Bertoldo que estava no sacco.*

Chegada a manhã entraram as açaatas para vestir a rainha, e não achando a sua roupa, que lhe tinham desrido na noite precedente, ficaram todas admiradas, sem saberem o que tinha sido feito della; por fim a rainha, mandando vir outras roupas, se

vestio, e sahio da cama toda furiosa, aonde foi directamente á camara, em que tinha deixado Bertoldo, sendo maior a sua admiraçāo quando não viu o Quadrilheiro, que lhe tinha posto por guarda; e assim logo suspeitou que elle lhe tivesse furtado as roupas, e fugido, jurando que, se o podesse colher ás mãos, o mandaria logo enforcar: depois, chegando-se para o sacco, disse:

Rain. Então meu machacás, ainda estás com o mesmo sentido que d'antes?

Quadr. Não, senhora, antes estou aqui prompto para a receber o mais depressa que quizer.

Rain. Que queres tu receber? alguma cura?

Quadr. Está ella prompta?

Rain. Agora se prepara em um instante.

Quadr. O mais depressa, que me despacharem, hei de estimar-o.

Rain. Não passará muito tempo, que fiques consolado.

Quadr. Não chega esta hora de ter essa alegria; ora fazei com que se traga aqui depressa.

Rain. Torno a dizer-te que bem

depressa te levaremos aonde ella está ;  
estás contente ?

Quadr. Se as nossas condições são,  
que ella haja de vir a esta camara, e  
que nos casemos aqui incognitamen-  
te, recebendo o dote de duas mil do-  
bras ; como quereis levar-me aonde  
ella está ? mandai que venha cá, que  
eu farei o que devo fazer.

Rain. Que falla este villão-ruim  
de casár, e de dobras ? tirai-o fora  
daquelle sacco, para que lhe veja a  
cara.

*O quadrilheiro sahe fora do sacco  
em lugar de Bertoldo, e a rainha  
toda pasmada, diz :*

Rain. Quem te pôz neste sacco,  
desgraçado ?

Quadr. Aquelle, que havia de ser  
noivo, o qual não querendo casar-se  
com essa rapariga, que se lhe quer dar  
me renunciou esta ventura ; assim  
pode-se mandar vir a noiva e ao mes-  
mo tempo o dote das duas mil dobras,  
que eu aqui estou para fazer tudo o  
que quizerem.

Rain. De qual noiva, de quaes  
dobras fallas tu ? dize-o mais claro,  
que eu te entenda.

Quadr. Aquella noiva, que se que-

ria dar áquelle villão, como as duas  
mi. dobras.

Rain. Metteo-te elle por ventura  
isso na cabeça?

Quadr. Torno a dizer, que elle  
disse isto com todo o proposito, e pa-  
ra esse effeito me poz nesse sacco, ten-  
do elle fugido; assim vamos a con-  
cluir isto, em quanto não passe a  
vontade.

*O quadrilheiro leva carga de pão, e  
mandando-o pôr outra vez no sac-  
co, assim o fizeram deitar no rio.*

Rain. Agora, agora mando vir as  
dobras, prepara-te tu no entanto pa-  
ra recebel-as, pois eu quero que tu  
tomes o contrario ás tuas costas.

Quadr. Para isso eu aqui estou, e  
já me parece cem annos, que não  
chega o tempo de contal-as; porem  
é necessario advertir, que eu as que-  
ro de peso, e que trabuquem.

Rain. Tu ascontarás primeiro, e  
depois se não forem de peso, eu las  
farei trocar; no entanto começa a  
contal-as, e aquellas que te parecer-  
rem leves, dize-o.

Dito isto, fez logo apparecer qua-  
tro dos seus servos, cada um com o  
seu bastão, os quaes bem depressa se

pozeram a dar com toda a força no pobre quadrilheiro : sentindo este as pancadas com que tão desalmadamente o mal-tratavam, se poz a gritar, chorando, e pedindo que o deixassem ; mas nada foi bastante para que os outros deixassem de dar, antes o reduziram a tal estado, que parecia morto, e nem isto bastou porque a rainha o tornou a fazer pôr no sacco, e o mandou deitar no rio.

Desta sorte recebeo este infeliz as dobras de peso, e em lugar de dar-lhe a mulher, o deitaram de molho para sempre no rio Adiz.

*Bertoldo está no forno, e a rainha o manda procurar por toda a parte.*

Depois que o desgraçado quadrilheiro foi mandado a beber, fizeram-se todas as diligencias para achar Bertoldo, mas por causa de estarem as suas pégadas ás vessas, nunca puderam comprehender que elle tivesse sahido do palacio ; e a rainha o mandou procurar por toda a parte, com tenção de o fazer enforcar, parecendo-lhe intolleraveis as peças de lhe levar as roupas, e de deixar-lhe o quadrilheiro no sacco.

*Bertoldo é descoberto no forno por  
uma velha, e divulga-se que a  
rainha estava no forno*

No entanto o pobre Bertoldo estava naquelle forno, quieto, aonde sabia tudo o que se passava, e começou a recear muito da morte, arrependendo-se de ter apparecido naquelle corte: não se atrevia a sahir fora, por não ser agarrado, sabendo muito bem que a rainha lhe tinha má vontade, e muito mais depois de lhe ter feito estas peças do quadrilheiro, e das roupas, temendo que o mandasse enforcar; porem como tinha vestidas as mesmas roupas, que eram compridas, não se accommodando bem dentro do forno, inadvertidamente lhe ficou pendurado de fóra um pedaço da cauda; e quiz a sua má sorte, que passando por alli uma velha, junto do forno, vendo aquelle pedaço das roupas que estavam de fóra, e conhecendo pelas barras que eram da rainha, cuidou que esta estivesse mettida dentro do forno: e logo corendo foi a casa d'uma sua vizinha, a quem disse, que a rainha estava naquelle forno, levando-o consigo, para que visse a roupa, que ap-

parecia; e conhecendo-a tambem aquella, o foram dizendo a quantos encontravam, de sorte que em pouco tempo se soube por toda a cidade, ate que chegou aos ouvidos d'El-rei,  
*El-rei duvida que Bertoldo tenha levado a rainha áquelle forno, e vai averiguar se assim era.*

Ouvindo El-rei aquella nova, cuidou logo que Bertoldo teria levado a rainha áquelle forno, pois o conhecia tão destro, que supunha tivesse mandinga, e que assim podesse fazer tudo o que quizesse, fazendo-o suspeitar mais os estratagemas que lhe tinha visto praticar; e assim correu logo á camara da rainha para ver se lá estava, e achando-a mui raivosa do que tinha sucedido, que tudo lhe contou, mandou que lhe ensinassem aquelle forno, aonde foi; e olhando para dentro, viu Bertoldo embrulhado nas roupas da rainha, e logo o fez tirar para fóra, ameaçando, que o mandaria matar. Despiram as roupas ao pobre villão, que ficou só com os seus trapos; e como tinha çujado no forno toda a cara além de sei mui feio de natureza, ficou que parecia um demonio infernal.

Bertoldo é tirado para fóra do forno,  
e El-rei muito enfadado lhe dix:

R. Sempre te colhi, villão desa-  
forado, mas desta vez certamente  
não escaparás, se não és o diabo.

B. Quem está de fóra não entre;  
e quem está de dentro não se arre-  
penda.

R. Quem faz o que não deve, lhe  
succede o que não crê.

B. Quem lá não vai, não cahe;  
e quem cahe não se levanta limpo.

R. Quem se ri na sexta feira, cer-  
to chora no domingo.

B. Desprega quem está pregado,  
que elle depois te pregará o mono.

R. Entre a carne e a unha, nin-  
guem pique.

B. Quem tem defeito é logo sus-  
peito.

R. A língua não tem osso, e faz  
quebrar o caroço.

B. A verdade sempre está por ci-  
ma.

R. Tambem a verdade algumas  
vezes não se diz.

B. Não deve fazer quem não quer  
que se diga.

R. Quem se veste com a roupa  
alheia, depressa se despe.

B. Melhor é dar a lá, que a ovelha.

R. Peccado velho, penitencia nova

B. O bolir dos pés é nocivo, quando se põe nos hombros aos enforcados.

R. Daqui a pouco tempo tu serás um desses.

B. Mais depressa cégo, que feitiçero.

R. Ora deixemos de parte estas disputas. O lá, vós, regedor das justiças, e vós outros Ministros, tomai entregue deste villão, e mandai-o pendurar em uma arvore, já já, não se dando ouvidos ás suas palavras. Elle é um villão-ruim, um malvado, que tem o diabo no corpo, e poderá algum dia arruinar o meu estado, se o deixar vivo; e assim levai-o daqui para fóra ao suppicio.

B. As cousas feitas com muita pressa nunca sahem boas,

R. Foi mui grande a offensa que fizeste á rainha.

B. Quem tem menos razão, grita mais alto. Deixa-me ao menos justificar

R. A's tres vai-se a cavallo, e tu já lhe fizeste mais de quatro, todas de grande affronta; vai-te pois embora.

B. Por dizer a verdade heide pa-

decer a morte ? Ah ! não sejas comigo tão cruel, por piedade.

R. Tu muito bem sabes o que diz o dictado : ouvir, ver, e calar, se em paz queres estar : e quem quer bem á senhora, quer bem ao senhor ; e assim não me estejas a azougar os ouvidos, porque quanto mais pedes, mais palavras deitas ao vento ; e é o mesmo que pisar agua no almofariz.

*Exclamação de Bertoldo, pela sentença, que contra elle deo El-rei.*

B. Ora o diabo diz a verdade ; ou serve como criado, ou foge como veadoo ; porque corvos com corvos nunca se tiram os olhos, e os parentes serão levados á forca, mas entre elles não se enforcam ; assim que tudo o que reluz não é ouro, e quem não faz, não erra : palavra, e pedra arrancada não pôde tornar atrás ; e um tallo de couve é muitas vezes causa da morte de muitas moscas ; mas lá vem um que me mostra boa cara, e por baixo tem a navalha escondida ; e desta forma melhor é uma onça de liberdade, que dez arrateis de ouro ; pois em fin, lobo não come lobo ; e o corvo, por querer cantar, perdeo o queijo, como a mim me succede : porque

tendo andado com cantigas de quem ama, no boraco do gato achei a cama, e agora nem as azas de Dedalo me valeriam; poistendo El-rei proferido a sentença, a sua palavra não pode tornar atras, ainda que se diga, que quem faz, pode tambem desfazer.

*Ultima astucia de Bertoldo para  
essapar da morte.*

Ora pois, Bertoldo, aqui é necesario fazer animo de leão, e mostrar a tua constancia neste horrendo passo, sendo certo que mais dura o tormento, mais tarde se morre, e já que não se pode vender, melhor é dar que destruir; e assim aqui estou prompto, ó rei, para receber o castigo que tens ordenado; porem antes de morrer, desejára que me fizesses uma graça, a qual será a ultima que peço.

R. Pede o que quizeres, que não deixarei de fazer-t'a. Mas dize depressa, porque me tens já enfasiado com as tuas ladinhas!

B. Eu te peço que ordenes a estes teus ministros que não me enforquem senão em aquella arvore, que for de meu gosto, para assim morrer contente.

R. Assim se faça, ouvis ? levai-o embora, não o enforqueis senão na arvore que lhe agradar, sob pena de sahires da minha graça. Queres tu mais ?

B. Não peço outra cousa ; e por esta graça vivas mil annos.

R. Ora adeos, Bertoldo ; tem paciencia por esta vez.

*Bertoldo não acha arvore, nem plan-  
ta que lhe agrade; e os ministros,  
depois de cançados, o deixáram ir  
embora.*

Não comprehendeo El-rei a maxima de Bertoldo, nem os ministros, que o levaram a um bosque cheio de varias plantas, e não achando nenhuma do seu gosto, o conduziram por quantos bosque havia na Italia ; mas nunca poderam achar planta arvore, ou tronco, que fosse do agrado de Bertoldo, de tal modo que achando-se cançados de muito caminhar, e enfastiados de similhante comissão, conheceram a sua grande astucia, e soltaram, pondo-o em liberdade. Depois, tornando diante d'El-rei, lhe contaram todo o successo, de que ficou admirado, louvando o grande juizo, e subtileza de um villão, que

tinha tão vasto conhecimento, e era apercebido mais que quantos haviam.

*El-rei manda novamente procurar Bertoldo, e tendo-se achado, vai em pessoa visitá-lo, fazendo-o com grandes rogos e promessas tornar á sua corte.*

Passada a cólera d'El-rei, mandou outra vez procurar Bertoldo, e achando-o, lhe mandou rogar que tornasse á corte, porque tudo lhe estava perdoado; mas elle respondeo: sopa refervida, e amor reassoprado, não deixa estomago bem assentado; e que não havia thesouro, que pagasse a liberdade. O que ouvido por El-rei foi em pessoa aonde elle estava; e tanto o rogou, e o supplicou, que finalmente o induzio (ainda que contra sua vontade) a ir novamente para a corte, fazendo com que a rainha lhe perdoasse. Depois sempre o teve junto a si, e nunca fez nada sem o seu conselho, o que foi causa de irem todas as cousas bem em quanto esteve naquella corte; porém como era costumado a sustentar-se de mantimentos ordinarios, e grosseiros, e com fructos bravios, logo que começo a gostar daquelles manjares deli-

cados, e substâncias, cahio grave-  
mente enfermo com perigo de morte,  
de que tivera El-rei e a rainha gran-  
de desgosto ; e maior foi depois da sua  
morte que sempre vivêram na maior  
tristeza, e infelicidade.

*Morte de Bertoldo e sua sepultura.*

Os medicos não conhecendo a sua  
compleição lhe applicavam os reme-  
dios que costumavam com a gente  
mais delicada da corte ; mas elle,  
que conhecia a sua natureza, lhes pe-  
dia que mandasseem cozer uma panel-  
la de feijões, com sua cebolla, e ra-  
bãos cozidos debaixo da cinza, porque  
sabia que com taes comeres melhora-  
ria, no que os medicos nunca o qui-  
zeram contentar ; e assim acabou a  
vida com estes desejos, aquelle que  
era tido por outro Esopo, e por um  
oraculo, com grande sentimento de  
toda a corte ; El-rei o fez enterrar  
com grande honra ; os medicos se  
arrependeram de não lhe ter dado o  
que pedia no fim da sua doença, co-  
nhecendo que morrera pelo não terem  
contentado ; e El-rei, em perpetua  
memoria deste grande homem, fez  
esculpir na sua sepultura em letras de  
ouro os seguintes versos em forma de

Epitafio, e mandou tomar futo á cor-  
te, como se fosse algum fidalgo de  
sangue real.

Nesta sombria tumba escura,  
Um deforme villão está sepultado;  
De urso, mais que de homem, tinha  
figura;

Mas era de engenho tão elevado,  
Que pasmar fez o mundo, e a natura!  
Em sua vida, Bertoldo foi chamado;  
Querido d'El-rei: morreu com ten-  
ções

De não poder comer rabãos nem fei-  
jões.

*Sentença de Bertoldo antes da sua  
morte.*

Quem costuma comer rabãos, não se  
metta com pasteis.

Quem está costumado á enxada, não  
vá pegar na lança.

Quem está affeito ao campo não se  
vá metter nas cortes.

Quem vencer o appetite, será gran-  
de capitão.

Quem não come de ambas as ban-  
das, não é boa macaca.

Quem olha fito para o sol, e não es-  
pirra, guarde-se delle.

Quem todos os dias se veste de no-

- vo, todas as horas grita com o al-  
faiate.
- Quem deixa os seus negócios para  
fazer os alheios, tem pouco juizo.
- Quem quer fazer cortezias a todos,  
depressa gasta o chapéo.
- Quem dá na mulher, faz murmurar  
os vizinhos.
- Quem mede o seu estado nunca se-  
rá pobre.
- Quem coça a sarna de outrem, a sua  
refresca.
- Quem promette no bosque, deve ob-  
servar a palavra na cidade.
- Quem tem medo dos passaros, não  
semee o milho.
- Quem faz como o ouriço, estará  
sempre seguro em casa.
- Quem vai para jornada, leve pão na  
algibeira, e pão na mão.
- Quem dá fé ás necessidades, funde  
os seus pensamentos em nevoa.
- Quem põe a sua esperança na terra,  
aparta se do ceo.
- Quem é preguiçoso das mãos, não  
vá ao tonel.
- Quem te aconselha, em lugar d'aju-  
dar-te, não é bom amigo.
- Quem castiga a cadella, o cão está  
arredado.

Quem no verão toma o exemplo da formiga, não pede no inverno pão emprestado.

Quem atira o sexo ao alto, lhe virá a dar na cabeça.

Quem vai á festa, e não sabe dançar, não faz outra cousa, que ocupar o lugar.

Quem toma a mulher pela riqueza, a bolsa vai ao marido.

Quem dá o governo de casa ás mulheres, tem sempre quem lhe bata nas portas.

Quem não pôde trazer a sua pelle, é bem desastrada ovelha.

Quem gasta o seu em ruins partes, na hora da morte vê a sua conta corrente.

Quem louva um, antes que o tenha praticado, muitas vezes dá as mentiras a si mesmo.

Quem dá o pão a cães alheios, bem depressa lhe ladram os seus.

Quem não paga os jornaes aosobreiros, nada tem de homem justo.

Quem come ao gosto de outrem, nunca come cousa, que lhe faça proveito.

Quem pertende saber nada, esso é mais sapiente que os outros.

- Quem quer emendar os mais, dê bom exemplo de si mesmo.
- Quem foge dos appetites terrestres, come os fructos celestes.
- Quem se acha sem amigos, é como um corpo sem alma.
- Quem solta a lingua, antes que o pensamento, nada tem de prudente.
- Quem, quando sahe de casa; cuida no que ha de fazer; quando torna, tem acabado a obra.
- Quem dá logo o que promette, dá duas vezes.
- Quem peccava, e faz peccar a outrem, deve fazer duas penitencias d'uma vez.
- Quem para si não é bom, mal o pô de ser para outrem.
- Quem quer seguir a virtude, é necessario que deixe o vicio.
- Quem pede aquillo que não pode esperar de ter, nega a graça a si mesmo,
- Quem tem bom vinho em casa, sempre lhe batem com frascos na porta.
- Quem escolhe as armas, quer pelejar com vantagem.
- Quem navega no mar da sensualidade, desembarca no porto das misérias.

Quem do bem de outrm se entristece,  
não falta quem se ria do seu mal.  
Quem tem a virtude propria, vai seguro  
á sua jornada.

TESTAMENTO DE BERTOLDO,  
Achado debaixo do travesseiro da sua  
cama, depois da sua morte.

Estas sentenças as fez imprimir El-rei  
em caracteres de ouro, e pô-las sobre a por-  
ta da sala real, para que todos as podes-  
sem ver, e não se podia consolar com a  
perda de tão grande homem. Os que ti-  
nham ficado com o encargo da camara de  
Bertoldo, querendo concertar a cama, on-  
de elle costumava dormir, acharam debai-  
xo do enxergão uma trouxa de trapos, e  
de escripturas a qual levaram logo a El-rei  
que fazendo-a desatar, achou entre aquel-  
les papeis, o testamento que tinha feito,  
muitos dias antes da sua morte; não obten-  
do dito a ningem, talvez para que se não  
soubesse de quem descendia, nem de que  
terra era, sendo um homem tão extra-  
gante. Como quer que fosse, ordenou El-  
rei, que fosse chamado o tabelião, que o  
tinha feito, para que o lêsse em sua pre-  
sença ; e com effeito veio em um atomo  
e fazendo a devida vénia a El-rei lhe disse:

Tabel, Aqui estou, senhor, para exe-  
cutar o que vossa magestade me ordenar.

R, Vós é que fizestes o testamento de  
Bertoldo?

Tabel. Sim, senhor, eu o fiz.

R. E quanto tempo ha que o fizeste?

Tabel. Pôde haver tres mezes.

R. Ora ei-lo aqui, tomai-o, e lêde-mo: porque essa letra tabelliao não a entendo bem, por causa das extravagantes cifras que vós lhe costuinaes pôr.

Tabel. Não é só isso, senhor, mas ainda mais, porque eu só sei escrever vulgar, não tendo podido passar nunca dos nominativos, ainda que fui ao estudo vinte e dois annos, e por isso só me passam pelas mãos estas diferenças dos villãos.

R. Como vos chamais?

Tabel. Eu me chamo Bastião Vilupio, para servir a vossa magestade.

R. Tendes bello nome, certamente, e também o sobre-nome pode passar; mas melhor seria, segundo o meu parecer, que vos chamasses senhor tacão, pois também os deitaes nestas letrinhas.

Ora lede, senhor Bastião, e pronuncia alto, devagar e claro, que eu possa entender.

*O tabellião lê o testamento.*

Em nome de bom principio, e seja para bem, etc. Eu Bertoldo, filho do defunto Bertolaço, neto de Bertuço, de Bertim, de Bertulim, e de Bertanha: Vendo e reconhecendo, que todos uós os mortaes somos como umas bexigas cheias de vento, que qualquer buraquinho as faz va-

sar, que como cada homem chega aos setenta annos, assim como eu me acho, se pode dizer que tem chegado ás vinte e tres horas do seu dia, e que as vinte e quatro não podem tardar a dar, e depois boas noites; já que me acho ainda com um pouco de sal nos miolos, quero deixar dispostos e ajustados todos os meus negocios, fazendo o meu testamento, tanto para minha satisfação, como tambem para satisfazer aos meus parentes e amigos, aos quaes devo alguma obrigação. Sois vós, senhor Bastião, supplicado, para que me rogueis este meu testamento, e ultima minha vontade, a saber, em primeiro lugar

Deixo a Bertoldo, mestre remendão, os meus çapatos de quatro solas, e quarenta réis de moeda corrente, por me ter sido sempre amoravel, haver-me muitas vezes emprestado a sovela para coser bem os tacões, e outros favores, que me fez.

Item, a Ambrozio, varredor da corte, cincuenta réis de moeda corrente por me ter levado muitas vezes os calções a concertar, e outros recados que me fez, etc.

Item, a Barba Sabuco, bo telão, o meu chapéo de palha, por me ter dado algumas vezes um maço de alhos pela manhã muito cedo, para me fazer bom estomago, e dar-me maior appetite.

Item, a Manoel Allegrato, taberneiro,

a minha cinta larga, e o assogador, por me ter enchido o barrilinho todas as vezes que me era necessario, e outros favores.

Item, a Gil Corque Martins, cosinheiro, a minha faca, com bainha, por ter-me algumas vezes cosido os nabos debaixo da cinza, e dado tigellas de feijões com cebolas, comeres, que se dão bem com a minha natureza, mais que as tortas, perdizes, e pasteis.

Item, á tia Pandora, lavadeira, o meu enxergão em que durmo, duas bancas, com pés quebrabos, e tres varas de pano de estopa para fazer dois aventaes, e isto por me ter muitas vezes lavado a roupa branca, e tido conta nella, etc.

Item, deixo a Figuete, moço da corte vinte e cinco chicotadas, com um bom açoute, por me ter furado o bispote, e feito cahir o mijo na cama; por me pendurar um foguete nas costas, por me cugar em um çapato, e outras peças que me fez, e isto desejo que seja feito logo logo, porque elle é desavergonhado, etc.

R. N'isso não haja duvida. Continuai para diante, senhor Bastião.

Tabel Item, porque quando vim a esta corte, (que nunca tivesse vindo), deixei Marcolfa, minha mulher, com um filho, chamado Bertoldinho, que pôde ter dez annos, pouco mais ou menos, e nem menos deixei dito para onde vinha, a fim

que não viessem atraz de mim, pois  
não tem focinho para aparecerem  
nestes lugares, parecendo mais de-  
pressa macacos, que outra cousa: e  
tendo eu umas terras, e alguns ani-  
maes, deixo a minha mulher senho-  
ra de tudo, em quanto o filho não  
tiver vinte e cinco annos, porque en-  
tão quero seja elle senhor de tudo:  
com condição, que se se quizer casar,  
não se misture com gente de maior  
qualidade de que elle.

Que não se domestique com os seus  
maiores.

Que não faça damno aos seus vizinhos  
Que coma quando tiver, e que tra-  
balhe quando poder.

Que não se deixe curar por medico  
enfermo.

Que não se deixe sangrar por san-  
grador que lhe trema a mão.

Que dê a todos o que devem haver.

Que seja vigilante nos seus negócios.

Que não se intrometta no que não  
lhe importa.

Que não faça compras n'aquillo que  
não conhece.

E sobre tudo, que se contente do  
seu estado, nem deseje mais; e consi-  
dere que muitas vezes o cordeiro vai

adiante da ovelha, isto é, que a morte tem a fouce na mão para atirar o golpe tanto ao velho, como ao moço; que se tiver cuidado de observar todas estas cousas, nunca topará em nada, que lhe dê dano; será feliz, e terá bom fim.

Item, não me achando com mais nada, porque nunca quiz aceitar o que me offerecia o meu rei por muitas vezes, querendo dar-me aneis, joias, dinheiro, vestidos, cavallos, e outras riquezas; porque, se astivesse recebido, não teria descânço, talvez faria mil insolencias, malquistando-me com todos, e figurando, como alguns, que, de baixos e drogas que são, sobem por fortuna, a altas e sublimes dignidades, e nem por isso se alimpam nunca do todo de que estão cheios. Eu me contento de morrer pobre, e saber que nunca me servi de adulação para com o meu rei; mas sempre o aconselhei fielmente em todas as occasões que me pedio meu parecer, fallando, e dizendo livremente tudo o que entendi; e não de outra sorte, para mostrar-lhe do mesmo modo no fim da minha vida o affecto que lhe tenho, lhe deixo estes

poucos documentos, os quaes não levará a mal d'acceitar e tambem observar, ainda que sejam d'um rus-  
tico villão, e são estes:

Que tenha a balança justa, tanto para o pobre como para o rico.

Que faça ver com grande attenção os processos, antes de chegar ao ponto de sentenciar.

Que não condemne ninguem, quando estiver enfadado.

Que se bemquiste com o seu povo.

Que premêe os bons, e os virtuosos.

Que castigue os delinquentes.

Que lance fóra os aduladores, e lison-  
jeiros, e as linguas maldizentes,  
que mettem scisma pela corte.

Que não dê nenhuma sorte de gra-  
vame aos seus subditos.

Que proteja as viuvas, e os pupil-  
los, defendendo as suas causas.

Que faça despachar as demandas, ou-  
vindo os pobres demandistas, e não  
os deixando subir, e descer tantas  
vezes as escadas dos tribunaes, e  
as dos ministros.

Que observando estes avisos, vivirá  
contente e alegre, e será tido uni-  
versalmente por excellente, e justo  
senhor. E aqui acabo.

Ouvindo El-rei o perfeito testamento, e insignes lembranças, que lhe deixou Bertoldo, não pôde sufer as lagrimas, que lhe sahiram dos olhos, e considerando a sua grande prudencia, amor e lealdade, que em sua vida tinha nelle conhecido, e ainda na sua morte ; e assim mandando dar ao tabellião cincuenta ducados, o despedio ; depois, qual outro Alexandre Magno, que conservou entre as suas preciosas joias a Iliade de Homero, assim elle fez pôr o dito testamento entre as cousas de maior valor. Mandou que se fizessem diligencias para achar sua mulher Marcolla, e seu filho Bertoldinho, conduzindo-os á cidade ; pois os queria por todos os modos na sua corte, em memoria de Bertoldo ; e com effeito tendo ido alguns cavalheiros em procura delles por quantos montes e bosques havia mais vizinhos, como El-rei lhes tinha dito, que não tornassem á sua presençā sem lh'os levar, tanto andaram, que finalmente os acharam, e do que aconteceu, se mostrará em outro livrinho.

*Fim da primeira Parte.*